

III ENCONTRO
PAISAGEM
HISTÓRICA
SOUNDSCAPE
MEETING
SONORA
HISTÓRICA

NOVAS
NEW
SONORIDADES
SONORITIES
NOVAS
NEW
ESCUTAS
LISTENINGS

ÉVORA
2021
CADERNO
DE RESUMOS
ABSTRACT
BOOK

A presente Conferência Internacional insere-se no âmbito do Projeto ALT20-03-0145-FEDER-028584/LISBOA-01-0145-FEDER-028584 (PTDC/ART-PER/28584/2017) – "PASEV: Patrimonialização da Paisagem Sonora em Évora (1540 – 1910)" financiado por fundos nacionais através da FCT/MCTES e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Compete 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI)

<http://pasev.hcommons.org/>



III ENCONTRO PAISAGENS SONORAS HISTÓRICAS

NOVAS SONORIDADES NOVAS ESCUTAS

III HISTORICAL SOUNDSCAPE MEETING

NEW SONORITIES NEW LISTENINGS

COMISSÃO CIENTÍFICA

Antónia Fialho Conde (PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Nuno Correia (PASEV, NOVA LINCS, Computer Science Department, NOVA School of Science & Technology, Nova University of Lisbon, Portugal)

David Cranmer (CESEM NOVA FCSH)

Cristina Fernandes (INET-md, NOVA-FCSH)

António Camões Gouveia (CHAM, NOVA-FCSH)

Juan Ruiz Jiménez (I.E.S. "Generalife" – Granada)

Tess Knighton (ICREA/Institució Milà i Fontanals – CSIC)

Olga Magalhães (CIDEHUS UÉvora)

Rui Vieira Nery (INET-md NOVA-FCSH, Fundação Calouste Gulbenkian)

Fátima Nunes (IHC NOVA-FCSH – pólo UÉvora)

Filipe Mesquita de Oliveira (PASEV, CESEM UÉvora)

Pedro Pestana (Universidade Católica Portuguesa, Universidade Lusíada de Lisboa, Universidade de São José de Macau)

Rodrigo Teodoro de Paula (PASEV, CESEM UÉvora)

Clara Bejarano Pellicer (Universidad de Sevilla)

Luís Cláudio Ribeiro (CICANT/ECAT, Universidade Lusófona)

Armanda Rodrigues (PASEV, NOVA LINCS, Computer Science Department, NOVA School of Science & Technology, Nova University of Lisbon, Portugal)

Vanda de Sá (PASEV, CESEM UÉvora)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Antónia Fialho Conde (PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Rita Faleiro (PASEV CESEM UÉvora)

João Ricardo (PASEV, CESEM UÉvora/NOVA-FCSH)

Rodrigo Teodoro de Paula (PASEV, CESEM UÉvora)

Vanda de Sá (PASEV, CESEM UÉvora)

MODERADORES DAS SESSÕES

Conferência Raquel Castro: RODRIGO TEODORO DE PAULA (PASEV, CESEM UÉvora)

Conferência Ascensión Mazuela Anguita: ANTÓNIA FIALHO CONDE (PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Sessão I: RITA FALEIRO (PASEV CESEM UÉvora)

Sessão II: FILIPE MESQUITA DE OLIVEIRA (PASEV, CESEM UÉvora)

Sessão III: RAQUEL COELHO (PASEV, CESEM UÉvora)

Sessão IV: RODRIGO TEODORO DE PAULA (PASEV, CESEM UÉvora)

Conferência Barry Truax CARLOS ALBERTO AUGUSTO (Compositor/Designer Sonoro, Investigador Independente)

Conferência Luís Cláudio Ribeiro: NUNO FONSECA (IFILNOVA, CESEM)

Sessão V: RITA FALEIRO (PASEV CESEM UÉvora)

Sessão VI: BERNARDO VESCOVI FABRIS (Universidade Federal de Ouro Preto)

Sessão VII: ANTÓNIA FIALHO CONDE (PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Sessão VIII: PEDRO MOREIRA (INET-md)

Conferência Pedro Pestana: FÁTIMA NUNES (IHC NOVA-FCSH, pólo UÉvora)

Conferência João Vaz: VANDA DE SÁ (PASEV, CESEM UÉvora)

Sessão IX: MARÍA ZOZAYA (PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Sessão X: JOÃO RICARDO (PASEV, CESEM UÉvora/NOVA-FCSH)

Sessão XI: VANDA DE SÁ (PASEV, CESEM UÉvora)

CONFERÊNCIAS

BARRY TRUAX.....	6
ASCENSIÓN MAZUELA-ANGUITA.....	7
RAQUEL CASTRO.....	8
PEDRO PESTANA.....	9
LUÍS CLÁUDIO RIBEIRO.....	10
ANA TELLES.....	11
JOÃO VAZ.....	12

CONVIDADO DE HONRA | HONOR GUEST

Soundscape Composition:

From the Real to the Virtual

BARRY TRUAX

(Professor Emeritus, Simon Fraser University)

Soundscape composition has matured into an important practice, both as an artistic form and to promote environmental awareness, with works ranging from documentary to the construction of imaginary soundscapes. Just as the concept of “soundscape” embraces all forms of sound and emphasizes how sound is understood by listeners, so too soundscape composition creates simulated environments of sound within which the distinctions between voice, music and environmental sound are blurred. In the author’s soundscape compositions, the sound material is elaborated using contemporary digital signal processing techniques, while maintaining listener recognizability, and the structure of the work and its narrative are guided by the composer’s contextual knowledge of the real world.

Barry Truax is a Professor Emeritus in the School of Communication at Simon Fraser University. He worked with the World Soundscape Project, editing its *Handbook for Acoustic Ecology*, and has published a book *Acoustic Communication*, that deals with sound and technology, now in its 2nd edition. In 1991 his work, *Riverrun*, was awarded the Magisterium at the International Competition of Electroacoustic Music in Bourges, France. Truax’s multi-channel soundscape compositions are frequently featured in concerts and festivals around the world. In 2015–16 he was the Edgard Varèse Guest Professor at the Technical University in Berlin. Website: <https://www.sfu.ca/~truax/>

Inside out: Convent music for external ceremonies in early modern Iberian cities

ASCENSIÓN MAZUELA-ANGUITA

(Associate Professor at the Music Department of the University of Granada, Spain)

In the collective imagination, music was related both to high status and institutions of power, such as the Crown and the church hierarchy, since it was heavily associated with royal and ecclesiastical projections of authority in the early modern period. Throughout the modern period cities become 'theatres of ceremony', and urban spaces were places where power was negotiated through rituals and events in which music played an essential, solemnifying role. Female convents contributed to the political life of a city and its ceremonial; this overlap of music, power, and religious life was thus embedded in the expectations and perceptions of the public. The high social status of the nuns of some convents—inhabited by female members of the nobility—played an important role in the connections between convents, music, and political life. Through particular case-studies, this lecture assesses the role of nunneries in the political life of early modern Iberian cities, considering their relationship to government institutions, royalty, the church hierarchy, and the nobility. The musical activities organised inside the cloister acquired a political tone by hosting civic dignitaries, visiting monarchs, and members of the nobility. Likewise, music might be performed around convent buildings in ways which actively sought to project sound towards the outside world, such as the highest widows of the building, allowing nuns to participate in urban ceremonies on the occasion of beatification, canonisations, royal entries, and a variety of processions. More rarely, music was performed directly outside the convent space. This lecture therefore focuses on this inside-outside dichotomy, offering examples to illustrate the different strategies used by nunneries in order to reach their urban surroundings through music and sounds. As a proof-of-concept, an online application which shows the locations of Barcelonan nunneries on a current map of the city, and links these locations to archival documents and images, will be presented. This approach allows us to establish dialogues between past and present and to reflect on the meaning of urban sounds then and now.

She completed her MMus in Advanced Musical Studies at Royal Holloway College, University of London, in 2010, and her PhD at the University of Barcelona in 2012. She received the research prize of the Spanish Musicological Society (SEdeM) in 2013, which resulted in publication of the monograph *Artes de canto en el mundo ibérico renacentista* (2014). She has also published a number of essays on convents, women, music of the Inquisition, music in early modern urban festivities, and traditional Spanish music. She worked as a postdoctoral research assistant for the Marie Curie project 'Urban musics and musical practices in sixteenth-century Europe', directed by Tess Knighton at the Spanish National Research Council in Barcelona (2012–2016), and later conducted an eight-month research stay at the John W. Kluge Center of the Library of Congress, Washington DC, as the Alan Lomax Postdoctoral Fellow in Folklife Studies.

Revisitando a Escuta: Arte Sonora como Arte Pública

RAQUEL CASTRO

(CICANT, Universidade Lusófona)

O nosso planeta está a mover-se rapidamente para um futuro muito incerto. É mais importante do que nunca pesquisar as transformações sociais e ecológicas, mas principalmente trazer os contributos da ciência e da arte para outros setores fora da academia. O som é uma modalidade que pode ajudar as sociedades a compreender o desafio e a moldar novas políticas para promover uma mudança ambiental e social eficaz. Hoje, muitas cidades já implementaram legislação para reduzir os efeitos negativos do ruído. Mas a noção de som enquanto recurso pode ser bastante eficaz quando aplicada ao processo de planeamento e projeto urbano. As práticas da chamada arte sonora podem ser instrumentos valiosos para o desenvolvimento da consciência auditiva em ambientes urbanos, ao atuar como um catalisador para a regeneração e vitalidade das cidades. Vários géneros de arte sonora surgiram desde o final dos anos 60, obras que colocam em primeiro plano a relação do som com o ambiente e o lugar, como instalações sonoras, composições de paisagens sonoras, passeios e mapas sonoros, obras que se focam em questões ambientais ou que se relacionam com o espaço público, transformando-o. Todas elas abrangem uma gama impressionante de abordagens distintas que permitem reconfigurar o lugar através do som.

Raquel Castro é investigadora de paisagens sonoras, realizadora e curadora. Fundadora e diretora do festival de arte sonora Lisboa Soa e do simpósio internacional Invisible Places. É doutorada em Comunicação e Artes pela FCSH-UNL com a tese "Contributos para uma análise da paisagem sonora: Som, Espaço e Identidade Acústica". Como realizadora, destaca o filme Soundwalkers (2008) e o mais recente "Soa", estreado em 2020 no festival Indie Lisboa, vencedor do prémio "Outros Olhares" do festival Caminhos do Cinema Português. É atualmente investigadora em pós-doutoramento do CICANT / Universidade Lusófona no âmbito do projeto "Experiência Aural, Território e Comunidade", financiado pela FCT e curadora da exposição "Sound Art in Public Spaces" que integra o projeto Sounds Now, financiado pela Europa Criativa.

Macau como laboratório de análise de Soundscape.

PEDRO PESTANA

(Universidade Católica Portuguesa, Universidade Lusíada de Lisboa, Universidade de São José de Macau)

Macau é um dos territórios mais densamente povoados do mundo, e como tal, luta diariamente com níveis elevados de ruído e com a qualidade da paisagem sonora. No entanto, o território é também uma localização única que o permite funcionar como um laboratório vivo de Soundscape, visto que tem uma área pequena (32km²) que inclui todos os tipos de variedades geográficas, desde áreas urbanas densas a ambientes naturais com vegetação variada, montanha e zonas aquáticas com tipologias diversas. Para além disso tem uma população multicultural, com percepções e limiares diferentes no que diz respeito a cognição sónica. Iniciamos este ano um projecto pluri-anual de monitorização de Soundscape com recurso a tecnologias diversificadas, que pretende não só analisar e comparar longitudinalmente aspetos subjetivos e objetivos do Soundscape Macaense, mas também desenvolver estratégias de monitorização e intervenção autónoma na qualidade do som em espaços híbridos.

Pedro Duarte Pestana trabalha como criador de software de processamento áudio e vídeo, engenheiro de som e especialista em computação física. É doutorado em Ciência e Tecnologia das Artes – Informática Musical. Colaborou na fundação de uma empresa de tecnologias da música no Canadá para a qual trabalha como consultor. Tem uma carreira de investigação muito activa com publicação e colaborações várias a nível internacional e foi Director do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR). É docente na Escola das Artes da Universidade Católica, na Universidade Lusíada e professor adjunto convidado na Universidade de São José em Macau. É o representante nacional na acção de Soundscapes da International Standards Organisation (ISSO).

A Experiência do lugar

LUÍS CLÁUDIO RIBEIRO

(CICANT/ECAT, Universidade Lusófona)

Donde vimos? De uma experiência que aos poucos nos removeu parcialmente do mundo a partir da visão e *frametização* da paisagem. Os media visuais vieram a acelerar esta instabilidade do corpo humano sobre a superfície do planeta e foi necessário religá-lo ao chão a partir de um sentido esférico, lateral e imersivo que é a audição. Neste percurso as paisagens sonoras produzem em nós ressonâncias de uma cultura sensível que aos poucos foi emergindo nas comunidades. A Terra foi lentamente retirada da sua mudez material e fomos reconduzindo o «estar vivo» a uma experiência audível que assinala, simultaneamente, uma presença, um sentido e uma relação. A salvaguarda do património imaterial intangível responde à vivência de um sensível que vive não apenas nos momentos decisivos da escuta, mas também nos modos de transferência cultural entre gerações, seja na conservação dos processos seja na sua comunicação.

Luís Cláudio Ribeiro é professor e diretor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona, em Lisboa. Agregado e Doutorado em Ciências da Comunicação, desenvolve investigação no campo da epistemologia dos media e do som, tendo sido o impulsionador da criação da licenciatura e mestrado em Tecnologias do Som na mesma universidade. As suas mais recentes publicações focam-se na identificação e caracterização das alterações produzidas pelos mediadores sonoros na sociedade contemporânea. Foi Investigador Principal do projeto FCT «Lisbon Sound Map» (<http://www.lisbonsoundmap.org>) e de «A técnica e os media como problema: da representação ao pensamento» (Cicant-2019). É atualmente IP do projeto «Aural Experience, Territory, and Community» (FCT-2018-2022).

Paisagem sonora e história recente na obra A Casa do Cravo, de Carlos Marecos: análise e interpretação

ANA TELLES

(CESEM UÉvora)

A obra *A Casa do cravo*, para piano e electrónica, de Carlos Marecos, foi escrita em 2019 e estreada no Lisboa Incomum no mesmo ano. A encomenda, do Festival DME, foi levada a cabo no âmbito do projecto Erasmus+ “A Paisagem Sonora em que Vivemos”, e pressupunha a utilização de gravações de paisagens sonoras efectuadas previamente pelos parceiros do projecto, entre outros elementos à escolha do compositor. Várias dimensões da paisagem sonora, histórica e actual, coexistem e dialogam na obra. Tanto na sua dimensão instrumental como na electroacústica, *A Casa do cravo* utiliza materiais sonoros heteróclitos, embora simbolicamente relacionados, como: gravações de sinos de uma igreja localizada no Alentejo, realizadas pelo compositor; canções de Zeca Afonso, de Sérgio Godinho, de José Mário Branco, e do Grupo de Acção Cultural – Vozes na Luta; gravações de emissões radiofónicas dos anos 1974–75, entretanto recuperadas; fonogramas de paisagens sonoras actuais, realizadas por parceiros do já referido projecto Erasmus+ (seleccionadas, de entre múltiplas possibilidades, por corresponderem a sons relacionados com trabalho manual ou agrícola). Através da recolha de elementos sonoros e processuais relativos à componente electroacústica, bem como da análise musical da partitura, procurarei evidenciar como os diferentes elementos de paisagem sonora enformam a obra e se relacionam entre si, por forma a produzir uma representação simbólica coerente da identidade e da história recente de um dado território, nomeadamente o Alentejo e as suas vivências da Revolução de 1974, do verão quente de 1975 e da reforma agrária. A apresentação concluir-se-á com a interpretação ao vivo da obra, por mim própria, ao piano, e o compositor, na realização electroacústica.

Ana Telles estudou em Lisboa, Nova Iorque e Paris, tendo-se doutorado na Universidade de Paris IV – Sorbonne (França). Mantém intensa actividade concertística, na Europa, na Ásia e nas Américas, tendo sido solista com diversas orquestras nacionais e internacionais. A sua discografia conta actualmente com mais de vinte de títulos, compreendendo CD's monográficos, gravações a solo com orquestra e integrada em grupo de música de câmara. Enquanto investigadora integrada do CESEM, desenvolve investigação científica nos seguintes domínios: Música dos sécs. XX e XXI, Música Portuguesa – Períodos Moderno/Contemporâneo, Música para Piano. É autora de um número significativo de capítulos de livros, artigos em revistas indexadas e edições musicais, incluindo uma edição crítica dos *Prelúdios para piano* de Luís de Freitas Branco. Ana Telles é Professora Associada com Agregação e Diretora da Escola de Artes da Universidade de Évora.

O verso de órgão em Portugal (1620–1870): do canto de órgão à ópera italiana.

JOÃO VAZ

(CESEM UNL/ESML)

A execução em *alternatim* de versões cantadas de salmos, hinos, cânticos evangélicos e outras formas semelhantes, opondo secções cantadas (em polifonia ou cantochão) a outras tocadas ao órgão, é frequentemente associada à música litúrgica dos séculos XVI e XVII. Nas *Flores de musica* de Manuel Rodrigues Coelho (Lisboa, 1620) – a primeira partitura impressa em Portugal – podem ser encontrados versos de órgão para o *Kyrie*, *Ave maris stella*, *Pange lingua*, *Magnificat* assim como outros sem uma utilização específica. Da mesma forma, as grandes fontes manuscritas de música de tecla portuguesa tardo-seiscentista, como os chamados «manuscrito do Porto» e «manuscrito de Braga» (P-Pm MM 43 e P-BRp MM 964) contêm numerosos exemplos daquela prática. Com a progressiva italianização da música sacra a partir do século XVIII, a prática da execução do verso de órgão poderia parecer menos evidente. No entanto, fontes entretanto localizadas (algumas, muito recentemente) provam que a alternância ou inserção de pequenas peças de órgão durante a execução de obras vocais com estrutura estrófica, permaneceu ao longo dos séculos XVIII e XIX. Esta comunicação traçará o percurso do verso de órgão em Portugal ao longo de três séculos, ilustrando a adaptação daquela forma às transformações do gosto musical (do contraponto a quatro vozes ao estilo operático italiano) e à evolução dos próprios instrumentos (da tradição hispânica ao órgão português do final do Antigo Regime).

Natural de Lisboa, João Vaz é diplomado em Órgão pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatório Superior de Música de Aragão, em Saragoça. É também doutorado em Música e Musicologia pela Universidade de Évora, tendo defendido a tese *A obra para órgão de Fr. José Marques e Silva (1782–1837) e o fim da tradição organística em Portugal no Antigo Regime*. Tem mantido uma intensa actividade a nível internacional, quer como concertista, quer como docente em cursos de aperfeiçoamento organístico, ou membro de júri de concursos de interpretação. Efectuou mais de uma dezena de gravações discográficas a solo e foi responsável por diversos artigos e edições musicais. Fundou, em 2006, o grupo Capella Patriarchal, que dirige. Lecciona actualmente Órgão na Escola Superior de Música de Lisboa. Fundador do Festival Internacional de Órgão de Lisboa em 1998, é actualmente director artístico do Festival de Órgão da Madeira e das séries de concertos que se realizam nos seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra (de cujo restauro foi consultor permanente) e no órgão histórico da Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa (instrumento cuja titularidade assumiu em 1997).

COMUNICAÇÕES

MARIA JOÃO ALBUQUERQUE	15
AMANDA GONSALES DE ARAUJO	16
VIRGÍNIA BUARQUE, CESAR BUSCACIO	17
ANTÓNIA FIALHO CONDE	18
CRISTINA COTA	19
RODRIGO TEODORO DE PAULA	20
BERNARDO VESCOVI FABRIS	21
RITA FALEIRO	22
HELIANA FARAH	23
SERGI GONZÁLEZ	24
FRANCISCO DIDIER GUEDES ALBUQUERQUE JUNIOR	25
ELISA LESSA	26
PEDRO MOREIRA	26
MARIA CLARA DE CARVALHO LIMA	27
JULIANA WADY LOPES	28
MARCELA ÁLVARES MACIEL, PÂMELA KETYLIN DA SILVA, ANA RAPHAELA PROENÇA GAMA, JÚLIA CASTILHOS TOSETTO, MILENA TAGLIAPIETRA FONSECA, ROBSON GONCALVES DA PAZ, MARIBEL HAAS DE TOLEDO	29
JOÃO MATEUS, HUGO PORTO	30
ANA JUDITE DE OLIVEIRA MEDEIROS	31
FILIPPE MESQUITA DE OLIVEIRA	32
JOABE GUILHERME OLIVEIRA	33
CRISTINA PALMESE	34
JOSÉ LUIS CARLES	34
XOLOCOTZIN ELIGIO ELIAS PARACELSO	35
FERNANDO DAVID MALDONADO PARRALES	36
CLARA BEJARANO PELLICER	37
ANA MARÍA MOYA PELLITERO	38
FREDERICO PESSOA	39
ANDREA PUENTES-BLANCO	40
JOÃO RICARDO	41
EDILSON ASSUNÇÃO ROCHA, RAFAEL MENDES DE RESENDE	42
JOICE CARVALHO RODRIGUES	43
ALEX RODRIGUEZ SUAREZ	44

MATÍAS G. RODRÍGUEZ-MOURIÑO.....	45
VANDA DE SÁ.....	46
MARIA DO ROSÁRIO SANTANA.....	47
HELENA SANTANA.....	47
ALBERTO MEDINA DE SEIÇA.....	48
ANA ESTER DE MATOS SILVA.....	49
JOÃO VILAR, CAMILA WOHLMUTH, ARMANDA RODRIGUES, NUNO CORREIA	50
LUCAS WINK.....	51
MARÍA ZOZAYA.....	52
CHRISTINE ZURBACH.....	53

Os manuscritos musicais da Coleção da Manizola da Biblioteca Pública de Évora

MARIA JOÃO ALBUQUERQUE

(INET-md, NOVA-FCSH)

A Biblioteca da Manizola, assim designada por se localizar na quinta com o mesmo nome, pertencente ao 2.^o Visconde da Esperança, José Bernardo de Barahona Frago do Cordovil da Gama Lobo (1841-1925), foi considerada uma das mais notáveis bibliotecas particulares do seu tempo. Após a morte do seu proprietário, depois de um longo processo de aquisição pelo Estado, veio a ser desmembrada e dividida entre a Biblioteca Pública de Évora e a Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, onde, ainda hoje, falta efetuar a descrição da totalidade das suas peças. Graças a alguns trabalhos de investigação, que têm trazido a lume algumas das espécies musicais desta Coleção, verificou-se que existe um conjunto documental importante de manuscritos de música na Biblioteca de Pública de Évora, que ainda não estão catalogados, mas que importa conhecer. Pretende-se, nesta comunicação contribuir para um melhor conhecimento deste núcleo documental pertencente à Biblioteca Pública de Évora, de forma a compreender se estas partituras podem revelar as práticas musicais domésticas da aristocracia terratenente alentejana, no século XIX.

Maria João Albuquerque é investigadora Integrada do INET-md (FCSH-UNL), onde tem desenvolvido estudos na área da documentação musical, nomeadamente sobre a edição musical, e no campo da curadoria da informação. É doutorada em Ciências da Informação, pela Universidade Complutense de Madrid (2013), tendo sido distinguida com o "Prémio Extraordinário de Doctorado" desta Universidade (2015). Licenciou-se em História pela Faculdade de Letras de Lisboa. Completou o Curso Superior de Piano no Conservatório de Música de Lisboa e diplomou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa. Especializou-se na área da biblioteconomia, obtendo uma pós-graduação em Ciências Documentais na Faculdade de Letras de Lisboa e um Mestrado de Ciências Documentais, na Universidade de Évora. Agraciada com uma menção honrosa no Prémio Raul Proença 2004, atribuído pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), tem participado em projetos de pesquisa sobre Estudos Históricos.

*Sacro e os sons da cidade avessa**A paisagem sonora histórica*

AMANDA GONSALES DE ARAUJO

Em 2013, embarquei para Évora em Portugal onde passaria cinco meses em intercâmbio. Ao chegar, recordo-me que desci do táxi na praça do Giraldo, tirei minha mala vermelha do porta-malas e senti como se houvesse chegado em casa. Nesse momento, deu-se início um processo criativo autoetnográfico, e então, fui me embrenhando na cidade e suas memórias. Nos dias que se passavam, andava pela cidade com um caderno de anotações, uma câmera fotográfica e um gravador de voz, registrando tudo que sentia e os lugares que mais me afetavam. Anos depois, esse processo de criação materializou-se em disco, no qual estímulos imagéticos e relatos da experiência vivida serviram de base ao arranjador que buscou transmutar a cidade em som. Em 2019 vinha ao mundo, “Sacro”, afim de transportar Évora para outros lugares. A instrumentação, os arranjos e as texturas exploradas no EP buscam imaterializar a pequena cidade, e as letras, evocam o período sombrio da Inquisição. Afinal, quais os sons cravados no avesso de Évora? Para encontrá-los é preciso cruzar tempos. E fazer silêncio, pois os povos que habitaram ali permanecem a sussurrar seus segredos. É embaixo das pedras que ecoam sons milenares. Fatos longínquos que teimam em se repetir. Habitando hoje a cidade museu que continua a tecer novas histórias. Entrelaçando passado e presente Évora imaterializa-se, para escoar pelas muralhas e adentrar os ouvidos atentos.

Amanda Gonsales é graduada em Música Popular (Voz) e Mestra em Artes da Cena (Dança) pela Unicamp, tendo feito um intercâmbio durante a graduação para a Universidade de Évora em Portugal. Tendo como foco a relação entre voz e movimento e processos criativos autoetnográficos, Amanda lança seu primeiro trabalho intitulado “Sacro” que se desdobra em EP e performance, fruto de um longo período de pesquisas, processos criativos e vivências com artistas que investigam temas em comum. Nesse trabalho, Amanda contou com contribuições de Victor Oliveira (produção musical), Francesca Della Monica (preparação vocal), Yael Karavan (preparação corporal), Verônica Fabrini (dramaturgia) e Naomi Silman (direção).

Cartografia histórico-sensorial da região atingida pela barragem de Fundão, Brasil

VIRGÍNIA BUARQUE, CESAR BUSCACIO

(Universidade Federal de Ouro Preto)

O artigo irá apresentar a pesquisa aplicada “Gualaxo Vivo: histórias através de sons”, iniciada em novembro de 2020. Através da plataforma digital www.gualaxovivo.com.br, disponibilizamos cartografias interativas por nós produzidas, cujos hiperlinks dão acesso a fontes históricas em diferentes linguagens (sonoras, iconográficas, impressas), elaboradas entre o final do século XVII à atualidade. Simultaneamente, interpretamos essas fontes em textos acadêmicos e atividades didáticas, também veiculados na plataforma. Através dessas cartografias, visamos interpretar, em termos históricos, a pluralidade sensorial (sobretudo sonora) da região situada no entorno do rio Gualaxo do Norte, estado de Minas Gerais, Brasil. As sonoridades aí ecoantes desde sua colonização em função das descobertas auríferas (provindas do ecossistema, dos ofícios e práticas cotidianas, das manifestações culturais e religiosas, do exercício e das resistências aos poderes estabelecidos) destacavam-se por sua multiplicidade e suas mesclagens. De forma concomitante, tais sonoridades eram significadas por distintos regimes de escuta (de cunho teológico; de matriz ilustrada-cientificista; inspirada em premissas românticas etc.), os quais poderiam, inclusive, imbricar-se mutuamente. Em contrapartida, os sentidos conferidos às sonoridades pelos regimes de escuta hegemônicos poderiam ser questionados ou até transgredidos por maneiras subalternizadas de promoção e escuta das sonoridades (denominadas em nossa pesquisa como “brechas sonoras”). Para constituição dessa cartografia histórico-sensorial, pautada assim na tríplice concepção “sonoridades – regimes de escuta – brechas sonoras”, embasamo-nos sobretudo na abordagem do teórico e historiador Michel de Certeau sobre os saberes-fazer cotidianos e as “artes do fraco”. Nosso intuito, ao propormos este artigo no III Encontro Paisagens Sonoras Históricas, é a de discorrer sobre a cartografia histórico-sensorial por nós elaborada, no ensejo de aprimorá-la através do diálogo com os demais pesquisadores participantes.

Virgínia Buarque é formada em História na UFRJ, aí cursando a Graduação (1989), Mestrado (1994) e Doutorado (2005). Realizou pós-doutorado em Ciências Religiosas na Université Laval (2011–2012), em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2013–2015) e em História na Universidade Federal Fluminense (2020). Também integra o Programa de Pós-Graduação em História da UFOP. Pesquisa principalmente os seguintes temas: História do cristianismo, Música e interdisciplinaridade, Ensino de História (com destaque às memórias locais).

Cesar Buscacio é bacharel em piano (UFMG – 1987), mestre em Música e Educação (UNIRIO – 2003), doutor em História Social (UFRJ – 2009) e pós-doutor em Musicologia (EHESS – França, 2014) em Música (Universidade Federal do Rio de Janeiro – 2020). Tem experiência nas áreas de Performance Musical, Musicologia e Educação Musical.

Marcas da devoção na paisagem sonora histórica: da boa morte à salvação das almas

ANTÓNIA FIALHO CONDE

(Co-IR PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Pretende-se nesta comunicação partilhar os dados da *paisagem sonora* que é possível colher em testamentos e cédulas testamentárias durante o período moderno na cidade de Évora. Percorrendo diversas camadas sociais, idades e estatutos, encontram-se as vontades expressas em vida que deviam ser cumpridas nas igrejas e capelas da cidade – missas rezadas e/ou cantadas; ofícios e lições; responsos...-, com formatos e exigências distintas, procuravam fazer-se ouvir, e repercutir-se, por períodos determinados ou para *todo o sempre*. Destacando estes elementos das materialidades que lhe estão associadas (cortejos fúnebres, rituais de enterramento, distribuição de bens), procurar-se-á indagar a dimensão das devoções em termos litúrgicos e a existência de um modelo de *praxis* musical a elas associado.

Antónia Fialho Conde é Professora Auxiliar do Departamento de História da Universidade de Évora, instituição onde que se doutorou em História, em 2005, com a dissertação *O mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*. É investigadora do CIDEHUS-UÉ, nas linhas 1 e 2, e colaboradora do CEHR/UCP e do Laboratório HERCULES. Participa em diversos Projetos científicos nacionais e internacionais (alguns de âmbito europeu) financiados; é a investigadora Co-Responsável do Projeto FCT PASEV: *Patrimonialização da Paisagem Sonora em Évora (1540 – 1910)* e foi a Investigadora Responsável do Projecto FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013 ORFEUS – *A Reforma tridentina e a música no silêncio claustral: o mosteiro de S. Bento de Cástris*. As suas áreas de investigação são o Monaquismo cisterciense feminino, a História Religiosa e o Património e Cultura Material no período moderno, consumadas em diversas publicações, nas áreas de docência e na orientação em estudos graduados e pós-graduados que efetua. É Diretora do Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural.

Música e músicos: a Real Colegiada dos Freires da Ordem de Cristo da Igreja da Conceição em Lisboa

CRISTINA COTA

(CESEM NOVA-FCSH)

A primeira igreja dos freires da Ordem de Cristo em Lisboa, conhecida por Conceição Velha, foi construída no lugar da sinagoga da Judiaria Grande, por doação de D. Manuel em 1502. Foi constituída uma Colegiada de freires com moços de coro para o “serviço da igreja”, sujeitos à observância de um Regimento assinado pelo Rei. Com o terremoto de 1755, D. José dá aos freires de Cristo o local da igreja da Misericórdia, mantendo-se, todavia, apesar das novas instalações, a designação de “igreja da Conceição Velha”. Nesta igreja, com dignidade de Capela Real, realizavam-se as cerimónias mais importantes da Ordem de Cristo, como a profissão solene dos cavaleiros, a comemoração do dia da Ordem, a 14 de Setembro, e outras festividades religiosas que o rei privilegiava com a sua presença. Nesta comunicação faremos referência aos aspectos musicais destas cerimónias, a cargo da Colegiada dos Freires, com os seus moços de coro, mas também de outros músicos e Mestres de Capela, como por exemplo, Filipe de Magalhães, que pertencia à Capela Real e era Mestre de Capela da Misericórdia.

Mestre em Musicologia Histórica com a tese “A música no Convento de Cristo em Tomar”, publicada pela Colibri (2017). Doutoranda em Ciências Musicais (bolseira de investigação da FCT), com tese sobre “Música e Missionação na Ordem de Cristo / Música Sacra e Teatro a bordo dos navios portugueses dos séculos XVI e XVII.” Colaboradora interna do CESEM/FCSH-UNL, membro do grupo luso-brasileiro CARAVELAS (FCSH-UNL).

O tempo soa? Passado, presente e futuro através dos relógios mecânicos eborenses

RODRIGO TEODORO DE PAULA

(PASEV, CESEM UÉvora)

Os relógios, segundo Norbert Elias (1989), têm como função orientar os indivíduos na sucessão de processos sociais e naturais em que se encontram imersos ajudando-os, de múltiplas maneiras, a regular as suas condutas, coordenando-as com as dos demais, para além de regular os processos naturais nos quais esses mesmos indivíduos não intervêm diretamente. A partir do século XIV, após a instalação dos relógios mecânicos em diversas cidades europeias, associadas ao desenvolvimento das ordens religiosas, sobretudo a de Cister, a ordenação do ciclo temporal diário passa a ser identificada publicamente de forma mais precisa por seus habitantes através dos sinais sonoros emitidos desde torres sineiras, definindo um novo marco nas relações sociais e alterando, inclusivamente, o cotidiano e as paisagens sonoras dessas cidades, chegando também em outros territórios. Em Portugal, essas mudanças podem ser identificadas a partir do ano de 1377, durante o reinado de D. Fernando I (1345–1383), momento em que é realizada a instalação de um relógio na Sé de Lisboa por um mestre francês identificado apenas por *Joam*. Em Évora, é possível identificar a existência de um relógio mecânico em atividade na Sé da cidade desde pelo menos o ano de 1462. Outros, nos séculos seguintes, serão instalados em torres sineiras de quatro instituições eborenses, nomeadamente a Universidade, o Convento da Cartuxa, a Igreja de São Mamede e a Igreja de Santo Antão, o que revela o importante papel desempenhado por essas instituições na ordenação do tempo e na comunicação pública das horas (e dos quartos de horas), tanto no espaço intramuros como na área rural. Integrada às investigações realizadas no âmbito do projeto Patrimonialização da Paisagem Sonora de Évora – PASEV, a presente comunicação tem por objetivo apresentar um primeiro estudo sobre a presença de relógios mecânicos na cidade, identificando mecanismos históricos, o seu valor patrimonial – ainda não reconhecido –, a sua associação com a prática sineira e o impacto sonoro gerado por mecanismos eletrônicos instalados em finais do século XX e que se encontram hoje em uso. Nesse sentido, perspetiva-se oferecer, no presente, contributos para uma história sonora de Évora, a partir de seus relógios e, desta forma, assegurar a sua relevância para iniciativas futuras de preservação, salvaguarda, e divulgação desse património através do susodito projeto.

Rodrigo Teodoro de Paula é Doutor em Ciências Musicais – Musicologia Histórica, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nessa instituição integra a linha de investigação Música no Período Moderno e o Caravelas – Núcleo de Estudos da História da Música Luso-brasileira. Licenciado em Direção de Orquestra pela Universidade Federal de Minas Gerais, é também mestre em Estudo das Práticas Musicais – Música e Sociedade, pela mesma instituição, e mestre em *Interpretación de la Música Antigua* pela Escola Superior de Música da Catalunya / Universitat Autònoma de Barcelona. No domínio das Paisagens Sonoras Históricas, integra atualmente o CESEM (pólo Universidade de Évora), como investigador doutorado do projeto PASEV – Patrimonialização da Paisagem Sonora de Évora, sendo também docente convidado nessa mesma Universidade.

As bandas civis de Ouro Preto e suas ressonâncias: lugares sonoros e ecologia acústica através do pensamento decolonial

BERNARDO VESCOVI FABRIS

(Universidade Federal de Ouro Preto)

O município de Ouro Preto está localizado na região central do estado brasileiro de Minas Gerais e é constituído por populações que marcadamente expressam de maneira singular suas manifestações populares. A este meio urbano, entrecortado por uma topografia angulosa e monumental, é associado um grande manancial de saberes e fazeres próprios de suas comunidades, sobretudo, de manifestações que transcendem a materialidade do legado arquitetônico e geológico ali presente. Estas grandes coleções de bens culturais intangíveis – de hábitos, costumes e tradições – mostram-se marcadas pela resistência e legitimação de suas populações e, dentre elas, as manifestações musicais figuram como marcas sonoras distintivas dessas comunidades, tendo nas bandas civis os grupos que engendram e enlaçam a vida cidadina de forma integral, agregando transversalmente crianças, jovens e adultos em torno dos fazeres musicais coletivos e da fruição estética. A presente comunicação intenta discutir a geografia cultural local destas comunidades tendo como *marcas sonoras* as referidas bandas, partindo do conceito de *paisagem sonora* (SCHAFER, 1997) e o esgarçando através da delimitação dos termos *espaço relacional* e *lugar* (BROTAS, 2017), sugerindo que mais do que ambientes recipientes de fenômenos acústicos, o município e seus distritos se constituem a partir de sua relação com a *ecologia acústica* de seus entornos, pela inferência de elementos humanos e não humanos aos quais afetam e são afetados. As discussões apresentadas pretendem abordar a complexidade dessas relações sob o viés dos estudos culturais através de considerações de fenômenos frictivos e *híbridos* (CANCLINI, 2001) de práticas hegemônicas reconvertidas ao projeto colonial, e pós-colonial, brasileiro e latino-americano (MIGNOLO, 2020; BHABHA, 2013), apontando elementos de autonomia com vistas ao pensamento decolonial (DUSSEL, 1977, 2005) emergente das fissuras da modernidade e da possibilidade de se tangenciar a lógica centro-periferia e o universalismo norte-atlântico.

Bernardo Vescovi Fabris é professor associado do Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto atuando como professor e pesquisador nas seguintes áreas: Performance Musical; Música Popular; Percepção Musical e Educação Musical. Possui Pós-doutorado em Música Popular pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017); é Doutor em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2010); e obteve o título de Mestre e Bacharel em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005/2002) com ênfase em Saxofone e Música Brasileira. É coordenador do Laboratório de Pesquisa de Instrumentos de Sopros (LaPSO) desde 2017, instância vinculada ao Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto por meio da qual são desenvolvidos projetos de extensão, iniciação científica e formação de professores.

O motete Regnum Mundi de Miguel Anjo do Amaral: uma proposta de inserção na vida musical cidade

RITA FALEIRO

(PASEV, CESEM UÉvora)

O presente estudo debruça-se sobre o motete *Regnum Mundi* a quatro vozes, de Miguel Anjo do Amaral, presente na Sé de Évora. Liturgicamente, este é um motete tradicionalmente utilizado na celebração das férias do advento até Dezembro, nas da Quarema e as do Tempo da Paixão, bem como nas celebrações comuns a santos mártires e virgens. É, assim, uma obra comum a muitas festas do ano litúrgico, tornando-se uma sonoridade usual no contexto da cidade pela sua possível reutilização. Primeiramente, olhar-se-á de uma forma geral para a estrutura da obra e suas características principais, tentando, quando possível, estabelecer algum paralelo na sua linguagem musical com outras obras do compositor. Seguidamente, estabelece-se um enquadramento desta obra na sua vertente litúrgica. Partindo da sua identificação nos Breviários Romanos de 1796 e 1798, procura-se saber, tendo em conta os eventos documentados em Évora (descritos em estudos de historiadores locais e nos testemunhos setecentistas das memórias paroquiais), como pode o motete ter sido utilizado na cidade. Finalmente, colocam-se algumas hipóteses sobre quem terá sido o efectivo musical afecto à realização desta obra, bem como os indivíduos que nela poderão ter estado envolvidos. Para tal, é determinante a documentação produzida pela Sé de Évora, como sejam as despesas com ordenados, as folhas de ponto dos músicos ou ainda os livros de receitas e despesas. Procura-se igualmente conciliar estes nomes com os nomes já conhecidos de músicos eborenses partindo uma vez mais do trabalho de Túlio Espanca (1950). Pretende-se assim deste modo, partindo de uma obra específica, compreender de forma mais profunda qual a sua existência enquanto património musical vivo – por contraposição à sua existência enquanto património inerte, estanque e transmitido numa partitura. Não apenas importa quem a compôs, importa também perceber para que finalidade e quem foram os responsáveis por executá-la, numa perspectiva sonora abrangente.

Rita Faleiro é doutoranda em Musicologia na Universidade de Évora, Mestre em Ensino da Música pelo ISEIT – Almada, e Licenciada em Piano e em História pela Universidade de Évora. Participou em múltiplas edições das Jornadas “Escola de Música da Sé de Évora” e em vários workshops e masterclasses nas áreas do canto gregoriano, direcção coral e piano. Tem estado ligada à organização de eventos e congressos como o FLAUTUÉ (Festival de Flauta Transversal), os I, II e III EINEM, e os I e II e III Encontros “Paisagem Sonora Histórica – Évora”. Actualmente o seu trabalho académico centra-se sobretudo na investigação de música sacra portuguesa de finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, sendo o tema central da sua tese de doutoramento o estudo, transcrição e análise dos *Miserere* produzidos e utilizados no serviço da catedral eborense no período cronológico referido.

A mudança da paisagem acústica urbana na transição entre os séculos XIX e XX e a voz lírica

HELIANA FARAH

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O crescente adensamento populacional urbano e a nascente indústria fonográfica revolucionaram enormemente a paisagem acústica da transição entre os séculos XIX e XX, ao ponto de a poluição sonora começar a ser tratada como questão de saúde pública. As mudanças na cartografia aural foram paulatinas e permearam as escolhas acústicas nos níveis social e individual de forma quase sempre inconsciente. No início do século XX, uma nova estética sonora se fez progressivamente mais evidente, principalmente nas metrópoles ocidentais, influenciando o panorama tímbrico da música além daquele da paisagem aural. O ideal perseguido por esta estética apregoava a supressão de sons intensos, metálicos, cujos harmônicos decaem lentamente em intensidade, em prol de sons flautados com espectro de harmônicos concentrado em torno da fundamental. Esse referencial estético se propagou, seja na esfera pública quanto na privada, alterando as características acústicas da voz humana, falada e cantada, dos instrumentos musicais e dos equipamentos de reprodução sonora. O impacto desse novo ideal acústico atingiu as características técnico-estéticas do canto lírico ao longo do século XX: a partir dos cantores, cujas vozes enfrentavam as multidões em espaços abertos, chegou-se ao uso da tecnologia de amplificação, até mesmo em teatros fechados. A mudança na voz lírica acompanhou a alteração do ideal acústico e, dentro deste cenário, principalmente no início da era da indústria fonográfica, o paradigma do novo panorama sonoro e das novas tecnologias de gravação e reprodução do som se influenciaram reciprocamente e moldaram, também, uma estética funcional para a voz lírica.

Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2009. Entre 2017 e 2019 foi *Visiting Professor* na Alma Mater Studiorum – Università di Bologna. Doutora (Ph.D.), mestre em Musicologia e bacharel em Canto pela UFRJ. Bacharel em Economia pela PUC-RJ. Dedica-se à pesquisa sobre história da ópera, início da indústria fonográfica e seus aparelhos, história, técnica, estética, fisiologia e acústica da voz, documentos sonoros, intérpretes e práticas interpretativas da transição entre os séculos XIX e XX. É autora do livro “A voz na ópera: a transição entre os séculos XIX e XX”, publicado em 2020. Possui uma pesquisa em andamento no arquivo do Museo del Disco d’Epoca (Sogliano al Rubicone, Itália). Desde 2010 propõe o “Karaokê de Ópera” como atividade de extensão universitária; dirigiu e produziu espetáculos operísticos na Escola de Música da UFRJ, apresentados, ademais, no IBAN, na UniRio e no Museu Nacional.

Mismo día y dos procesiones: el paisaje sonoro de la fiesta de la Candelera en Tarragona (1483-1700)

SERGI GONZÁLEZ

(Universidad Internacional de la Rioja)

Los estudios en profundidad, desde un punto musicológico, de los gremios y las cofradías en las ciudades ibéricas, aportan nuevas y novedosas informaciones de las afectaciones al paisaje sonoro general de las ciudades durante la edad moderna. Las cofradías, cada año, celebraban varios días de fiesta dedicadas a su santo patrón; se paraba su actividad comercial, se realizaban diferentes festejos y, normalmente, se hacía una procesión en honor de la advocación de la cofradía. Algunas de las advocaciones coincidían con fiestas generales, en las cuales, toda la población participaba de una procesión y, en consecuencia, el paisaje sonoro de la ciudad se veía modificado por la celebración. Una de las situaciones descritas anteriormente ocurría el día de la Candelera, 2 de febrero, en Tarragona. El gremio de los panaderos y de los estibadores del puerto estaban unidos bajo una misma cofradía con advocación a la Virgen de la Candelera, y en consecuencia, era el día central de su celebración. Ahora bien, ese mismo día se celebraba una procesión general por la ciudad hasta una iglesia situada extramuros. En esta comunicación y a partir de las diferentes fuentes estudiadas, principalmente las ordenes de pago de la cofradía y las diferentes consuetas de la catedral de Tarragona, se describirán los diferentes paisajes sonoros que tenían lugar en la ciudad ese día, y cómo estos se interrelacionaban entre sí, aportando nuevas informaciones del desarrollo de las festividades y su vínculo con los diferentes estamentos de la ciudad.

Sergi González González es doctor en musicología por la Universitat Autònoma de Barcelona. Sus principales líneas de investigación se centran en el estudio del paisaje sonoro, la musicología, la etnomusicología y las músicas populares urbanas así como las manifestaciones folclóricas tradicionales. El prisma de los *sound studies* y de las humanidades digitales le otorgan las herramientas necesarias para desarrollar sus investigaciones enmarcadas en las nuevas fronteras de investigación musicológica, poniendo énfasis en la orografía de la ciudad y los diferentes espacios urbanos que, históricamente, se han utilizado para la realización de las manifestaciones festivas y que relaciones se establecen con los espacios sonoros actuales.

Sonoridade apocalíptica: a emergência de uma nova paisagem sonora a partir da banda Conspiração Apocalypse (Cajazeiras, Paraíba – Brasil)

FRANCISCO DIDIER GUEDES ALBUQUERQUE JUNIOR

(GEPHC CNPq Universidade Federal de Campina Grande)

O presente trabalho busca analisar a sonoridade da banda *Conspiração Apocalypse*, percebendo-a enquanto instauradora de uma nova *paisagem sonora* no chamado Alto Sertão paraibano, no Brasil. Formada no ano de 1989, na cidade de Cajazeiras, essa banda representou uma nova musicalidade que conectava o local e o global, o som e o espaço: notadamente através do *Rock 'n' Roll*. Nesse ritmo, à medida que apresentavam suas canções, a banda significou um espaço artístico carregado de mensagens sintomáticas da época, mensagens que circulavam entre aspectos políticos, culturais e sociais. Isso nos leva a entender esse movimento musical, de acordo com as premissas de Schafer (2011, p. 23), como “um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos”, instituindo uma nova forma de representar sonoramente o espaço Sertão através do *Rock 'n' Roll*. Logo, além de instaurar um novo regime de audibilidade local, a banda também foi responsável por contestar os trâmites da cultura estabelecida, o que também nos leva a tipificar esse movimento enquanto contracultural, ou seja, de recusa aos valores vigentes. Com relação às fontes a serem analisadas, faremos uso das canções autorais gravadas pela banda (tanto em formato fonográfico como audiovisual), bem como de periódicos que propagaram informações sobre a banda, entrevistas com os integrantes e produtos físicos de divulgação cultural (*banners* de divulgação dos shows). Teoricamente, o trabalho circulará em torno dos conceitos de: Paisagem Sonora, empreendido por Murray Schafer (2011); *Rock 'n' Roll*, amplificados por Paulo Chacon (1982) e Elton John da Silva Farias (2013); e de Contracultura, estabelecido por Theodore Roszak (1972) e Carlos Alberto Messeder Pereira (1986). Portanto, cabe ressaltar que a proposta tem por objetivo entender como a banda *Conspiração Apocalypse* articula a dimensão sonora e espacial, instituindo novas formas de ouvir, pensar, sentir e dizer a *paisagem sonora* local do Alto Sertão paraibano.

Graduado em História (2020) pela Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras, Paraíba – BR. Atualmente, é bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN), campus Natal, na linha de pesquisa “Linguagens, Identidades & Espacialidades”. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura (GEPHC/CNPq/UFCG). Pesquisa com ênfase nas áreas de: História e Música; Paisagem Sonora; Rock 'n' Roll e contemporaneidade; Cultura e Contracultura. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2284531670321279>

*A paisagem sonora em espaços patrimoniais**Uma narrativa sonora para o Museu dos Biscainhos*

ELISA LESSA

(CEHUM-GIARTES-NIM)

PEDRO MOREIRA

(INET-md)

A criação de paisagens sonoras historicamente informadas tem sido alvo de ampla discussão no campo musicológico focando diferentes problemáticas que percorrem temáticas relacionadas com a autenticidade, recriação, ou a relação entre passado e presente na ligação com a performance musical (cf. Pearse, Waltner e Godsoe, 2017). A presente comunicação pretende problematizar a construção de uma narrativa sonora do Museu dos Biscainhos, uma casa nobre construída em Braga no século XVII, a partir de várias fontes documentais (iconografia, partituras), instrumentos musicais, e.o. Própria do ambiente de sociabilidade que desde meados do século XVIII se desenvolveu, a sua sala de música e jogo foi lugar de festa e confraternização social palaciana. Depois de uma breve contextualização histórica do tema e da caracterização do espaço selecionado, tomando como modelo a descrição de um serão musical de Carl Ruders, o viajante sueco que esteve em Portugal entre os anos de 1792 a 1802, apresenta-se um possível guião historicamente informado de repertório musical que nessa época terá encantado a elite bracarense. O estudo, no âmbito da temática das paisagens sonoras, constitui parte de um projeto em curso dedicado à criação de narrativas sonoras dos espaços interiores e exteriores do museu, numa perspetiva histórica – musical e iconográfica.

Elisa Lessa é doutorada em Ciências Musicais pela Universidade Nova. Publicou *Património Musical do Bom Jesus do Monte* (2018); *De Créditos firmados: as bandas de música em Braga nos séculos XIX e XX* (2019). Coeditou com Pedro Moreira e Rodrigo Teodoro de Paula *Património e Devoção* (2018); *Ouvir e escrever Paisagens Sonoras* (2020). Integra o projeto *The Contribution of Confraternities and Guilds to the Urban Soundscape in the Iberian Peninsula, c.1400 – c.1700*, coordenado pela professora Tess Knighton. Os seus trabalhos encetaram, entre outros temas, a senda temática dos estudos da Música Monacal Feminina Portuguesa, em que se destacam os ensaios: “Nun’s Musical activity: Norths convents of Portugal, XVII and XVIII centuries” (FINTE, 2011); “Musical life in Portuguese Benedictine and Clarisse Convents through the study of the reports of Visits from XVII and XVIII centuries” (Celesti Sireni II, Cafagna Editore, 2013); “Guardar o silêncio, cantar louvores ao Divino: a vida intramuros das monjas de Cister” (e-book *Do Espírito do Lugar*, 2014); “Cantochão ou Polifonia? Música e Devoção nos Mosteiros Femininos Portugueses no Período Moderno” (CEHR-UCP, 2017). Tem em curso um projeto sobre o Património Musical do Concelho de Braga.

Pedro Moreira é doutorado em Ciências Musicais (Etnomusicologia) pela Universidade Nova de Lisboa, instituição na qual concluiu o seu projeto de pós-doutoramento em 2017. Leciona, como professor convidado, em diversas instituições do ensino superior, nomeadamente no Instituto Politécnico de Lisboa (ESELx), na Universidade do Minho (ELACH) e na Universidade de Évora (EA). Tem várias publicações sobre a música na Emissora Nacional de Radiodifusão nos anos 30 e 40, tema da sua tese de doutoramento. É doutor integrado do centro de investigação INET-md. Colabora regularmente com a Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos e Casa da Música na redação de notas ao programa.

"Nas bandeiras, bons lençóis": A construção sonora e discursiva do Brasil na obra de Chico Buarque de Hollanda (1973-1979)

MARIA CLARA DE CARVALHO LIMA

(PPGH Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

O compositor brasileiro Chico Buarque de Hollanda, desde o começo de sua carreira, já em meados dos anos 1960, teve sua obra artística sempre permeada – direta ou indiretamente – pelo dilema da busca por uma identidade cultural, artística e sonora brasileira. Essa identidade aparece através da construção de uma dimensão sonora e visual do Brasil, seja na representação do cotidiano, tradição iniciada na década de 1930, seja no questionamento do lugar social da música brasileira no fluxo da modernização conservadora. Entendemos que estes discursos acerca do Brasil presentes na obra do artista engendram uma produção que associa som e espaço numa mesma dimensão, produzindo determinadas *paisagens sonoras* brasileiras, isto é, formas de ouvir e dizer o Brasil. Durante a década de 70 percebe-se na produção buarqueana uma preocupação em problematizar, justamente, o significado do *ser* do Brasil. Sendo assim, através da ótica de uma história simbólica e sonora dos espaços, o presente trabalho pretende investigar as peças teatrais *Calabar* (1973) e *A ópera do malandro* (1985) e seus respectivos álbuns musicais, para perceber os elementos, as imagens e sonoridades mobilizadas pelo compositor. Nesse sentido, cabe a esta proposta de trabalho interrogar em que medida estas obras produzem uma cartografia sonora do Brasil através dos sons e literaturas no período de 1973 a 1979. Buscaremos entender também qual o lugar assumido pela *paisagem sonora* e imagética produzida por Chico Buarque dentro do cenário da Música Popular Brasileira.

Graduada em História (2020) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, campus Natal, Rio Grande do Norte – BR. Atualmente, é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN), campus Natal, na linha de pesquisa "Linguagens, Identidades & Espacialidades" com orientação do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História dos Corpos e das Sensibilidades. Pesquisa com ênfase nas áreas de: História e Música; Paisagem Sonora; Música Popular Brasileira; Ditadura Civil-Militar. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5918240180945912>

Paisagens sonoras nas Cirandas de Heitor Villa-Lobos: um estudo a partir da Teoria dos Tópicos

JULIANA WADY LOPES

(CESEM NOVA-FCSH)

Com esta comunicação pretendemos refletir acerca das paisagens ouvidas nas *16 Cirandas* de Heitor Villa-Lobos. Cada uma das pequenas peças, escritas para piano em 1926, recebeu o nome do tema folclórico infantil citado musicalmente e imerso num intrincado entorno villalobiano. Através de uma análise baseada na Teoria dos Tópicos, procuramos compreender a forma como se constroem espaços sonoros, reais e imaginários, nesta obra do compositor. Assim, apresentamos alguns tópicos presentes nas *Cirandas*, tópicos esses que representam paisagens sonoras não só do Brasil imaginado da década de 20, mas de percepções e estereótipos construídos por Villa-Lobos, isto é, paisagens sonoras imaginadas pelo compositor. Entre a aproximação do “real” e o deslize para a “fértil imaginação” villalobiana, evocam-se e constroem-se paisagens de um país, como é ouvido por Villa-Lobos. A primeira viagem à Europa, ao contrário do que se esperava, levou o compositor a aproximar-se cada vez mais do movimento modernista-nacionalista brasileiro. Nas palavras do poeta Manuel Bandeira (1924): “Quem chega de Paris espera-se que venha cheio de Paris. Entretanto, Villa-Lobos chegou de lá cheio de Villa-Lobos”. Com isto, surgiu a necessidade de representar o Brasil por meio da sua obra musical. Nos diversos tópicos explorados ao longo desta comunicação, destacam-se os que, de alguma forma, representam o “nacional” nas suas diversas facetas. Os conceitos de indígena, infância, primitivo e natureza, são (re)leituras de todo um contexto artístico-cultural e, simultaneamente, são a (re)construção sonora de “paisagens” já conhecidas no contexto brasileiro. Nesse sentido, a Teoria dos Tópicos, passa a ser uma ferramenta, uma forma de leitura, identificação e compreensão das paisagens sonoras reais e imaginadas presentes na obra de Villa-Lobos. Nas *Cirandas* ouvem-se paisagens que contam histórias, paisagens de uma natureza virgem e paisagens de uma infância brasileira que “ciranda” através dos dedos que percorrem o piano.

Juliana Wady ingressou na Licenciatura em música no Brasil, na UNICAMP, a qual, mais tarde, teve continuidade na Universidade de Évora onde concluiu esse ciclo de estudos na vertente de Musicologia Histórica, no ano de 2018. Foi recentemente aceite como bolseira de doutoramento pela Fundação de Ciência e Tecnologia, colaborando no projeto “História Temática da Música em Portugal e no Brasil”, na Universidade Nova de Lisboa. No âmbito profissional e académico, Juliana Wady é membro do Núcleo de Estudos Caravelas, conta com uma participação no Encontro Internacional de Investigação de Estudantes em Música e Musicologia, uma comunicação aprovada para o ENIM 2021 e um artigo a ser publicado no livro *Convergências musicais: gosto, identidade e mundo* editado por Paula Gomes Ribeiro, André Malhado e Zuelma Chaves.

Partituras do tempo: paisagem sonora, cultura e memória em jogo

MARCELA ÁLVARES MACIEL, PÂMELA KETYLIN DA SILVA, ANA RAPHAELA PROENÇA GAMA, JÚLIA CASTILHOS TOSETTO, MILENA TAGLIAPIETRA FONSECA, ROBSON GONCALVES DA PAZ, MARIBEL HAAS DE TOLEDO

(Universidade Federal da Fronteira Sul)

Partituras do Tempo é uma modalidade projeto de iniciação científica desenvolvido em escolas pelo Sinfonia na Cidade⁸, coletivo científico-artístico dedicado a criação, produção, mobilização e articulação de ideias inventivas em paisagem sonora. Esse projeto faz parte de um programa de pesquisa que investiga o valor patrimonial de sons cotidianos da cidade, desenvolvendo uma abordagem sistêmica para inventários de patrimônio imaterial sonoro: pesquisa histórica; passeios sonoros; testes subjetivos; cartografia sonora e reabilitação sonora. Assim, o objetivo do trabalho é contribuir para a construção de um método participativo de pesquisa histórica para subsidiar a declaração de significância do valor patrimonial de marcos sonoros urbanos contemporâneos. Para tanto, utiliza-se o método do estudo de caso de Erechim, cidade centenária localizada no sul do Brasil, contando com uma população de cerca de 100.000 habitantes. Os projetos são desenvolvidos em ciclos anuais, utilizando a literatura local como âncora para a documentação de paisagens sonoras históricas da cidade. São utilizados recortes pré-estabelecidos para cada projeto, em termos de testemunhas auditivas, isto é, cronistas da cidade, para cada um dos cinco períodos sonoros classificados em função dos dispositivos de gravação e reprodução sonora, sendo: gramofone (1902–1921); rádio (1922–1949); fita magnética (1950–1981); discos óticos (1982–1994); e streaming (1995–hoje). O projeto articula discentes de ensino médio e bacharelado em Arquitetura e Urbanismo mediante bolsas de iniciação científica e voluntários, desenvolvendo atividades em articulação com a comunidade escolar através da promoção de arranjos culturais, entendidos como projetos participativos de atores e espaços culturais locais capazes de criar oportunidades criativas de aprendizagem em patrimônio imaterial sonoro através da arte sonora. No caso específico do projeto Partituras do Tempo, o arranjo cultural proposto é um jogo para elaboração da cartografia sonora literária da cidade, utilizado numa agenda periódica sessões de um Clube de Leitura na escola ou em eventos, articulando-se ainda com práticas pedagógicas complementares em sala de aulas de história e/ou língua portuguesa. Portanto, o jogo Partituras do Tempo contribui para um processo criativo coletivo e articulado de transformação social, despertando a atenção e consciência dos cidadãos para as questões, virtudes e valores estéticos de paisagens sonoras históricas com valor patrimonial.

Marcela Álvares Maciel: arquiteta urbanista com pós-doutorado em Arquitetura, professora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim (RS), Brasil.

Pamela Ketylin da Silva: discente de ensino médio Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali em Erechim (RS) / Brasil, bolsista de iniciação científica júnior do Conselho Nacional de Pesquisa Tecnológica (CNPq), EDITAL Nº 271 GR UFFS 2020 – PIBIC-EM / CNPq.

Ana Raphaela Proença Gama, Júlia Castilhos Tosetto, Milena Tagliapietra Fonseca, Robson Gonçalves da Paz, Samara Baggiotto: discentes de arquitetura e urbanismo da UFFS, voluntários de iniciação científica no projeto Sinfonia na Cidade (PES-2019-0223). Maribel Hass de Toledo: historiadora, docente de ensino médio no Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali em Erechim (RS), Brasil.

Contributo para o estudo de baixão em Portugal

JOÃO MATEUS, HUGO PORTO

(PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Com a presente comunicação pretendemos sistematizar a informação existente sobre o baixão, instrumento de palheta dupla que assumiu particular relevância no espaço musical português, com particular evidência nas instituições eclesiais. A apresentação incidirá sobre as primeiras notícias do baixão em Portugal na segunda metade do século XVI, cuja precocidade ou atraso da sua entrada se aferirá a partir do confronto com os dados conhecidos de outros países europeus. Procuraremos identificar o seu auge e a persistência do seu uso até ao século XIX, embora num contexto mais circunscrito. Será dado enfoque ao aparecimento do instrumento dentro da família mais ampla das palhetas duplas, e às difíceis relações semânticas e etimológicas com o fagote. Percorreremos, igualmente, os contextos e espaços de utilização (capela real/espacos catedralícios e monásticos), mas também daremos ênfase aos seus intérpretes, sem esquecer a abundante iconografia a ele dedicada. Considerando o quase total esquecimento a que este instrumento ficou votado, o qual ainda permanece, muito fruto do forte desenvolvimento dos metais que o substituíram por completo, julgamos que é tempo de pensar o fenómeno sonoro do passado também a partir deste instrumento. É tempo das interpretações historicamente informadas em Portugal, retomarem o uso do baixão, tal como já sucede noutros países.

João Mateus nasceu em Lisboa. É arquitecto, pintor e músico. É instrumentista de corneta, charamela e baixão. Estudou com Emídio Coutinho no CNML. Frequentou estágios de corneta, com Edward Tarr, Bruce Dickey, Jean-Pierre Canihac, e William Dongois. Frequentou as Masterclass de Fagote Barroco, com Alberto Grazi e Ornamentação Renascentista com William Dongois. Frequentou as Masterclass de Sacabuxa com Charles Toet, Adam Wolf e Wim Becu. Dirige e integra o grupo "Music'Alta". Colaborou em concerto com os grupos "Camerata da Cotovia", "Lusitani Musici", "Concerto Atlântico", "Charamela Real", "Il Dolcimelo", "Tagus", "Coral Vertice", "Carmin'Antiqua", "Ensaladas" com o "Pública Hortência", "Despertar do Barroco" de Lourenço Rebelo. Participou no filme "Le Soulier de Satin", de Manoel de Oliveira. Gravou nos CDs "Vilancicos do Século XVI" e "Oxicantã". Foi orientador no workshop de charamelas nas XIX e XX Jornadas Internacionais da EMSE. Publicou o artigo "Corneta... um raio de sol que atravessa as trevas..." na revista A Arte do Ofício da UAL. É construtor de cornetas e baixões. Tem realizado conferências sobre "Cornetas, Charamelas e Baixões".

Hugo Porto é natural de Évora e licenciado em Direito, desde 1997, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e licenciado em História – Ramo Património Cultural, pela Universidade de Évora, desde 2004. Em 2013, concluiu o curso de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a tese "Os cantores na administração nos reinados de D. Manuel I e D. João III". Para além de ter publicado alguns artigos relacionados com o Direito do Património Cultural, em 2016, publicou o artigo "Nos serões e tempos em que nos hão-de servir: contributo para a caracterização socioprofissional dos músicos na primeira metade do século XVI" e, mais recentemente, já no âmbito do PASEV, publicou, conjuntamente com Ana Caeiro, "Apontamentos sobre a actividade musical na Sé de Portalegre: Músicos e repertório musical". É doutorado em História, desde 2020, pela Universidade de Évora, com a dissertação "Os agentes do serviço musical das catedrais de Elvas e Portalegre".

O Coral «Canto do Sertão», para ouvir um outro sertão brasileiro

ANA JUDITE DE OLIVEIRA MEDEIROS

(CESEM UÉvora, Instituto Federal do Rio Grande do Norte)

A considerar a importância do compositor Heitor Villa-Lobos (1887–1959) para a música brasileira, destacamos a visibilidade que deu ao Nordeste, e em particular ao Sertão, através da peça Coral *Canto do Sertão*, da Série Bachianas Brasileiras composta entre 1930 e 1945. Na peça estão presentes sonoridades inusitadas, como o canto da araponga, os baixos de viola e a canção católica sertaneja, que localizam e identificam a região além dos estereótipos a ela atribuído de “terra das secas” (Holanda, 1986). A investigação busca compreender como o compositor se utilizou de temas rítmicos e melódicos de canções populares e folclóricas, o qual possibilitou elaborar um imaginário da região para além de sua regionalidade. A peça Coral *Canto do Sertão* foi tratada inicialmente como ‘música em ato’, isto é, a partir do que está disposto em sua notação, sob enquadramento musicológico; e em seguida, trazida em cartografia simbólica sonora (Santos, 2001), para que a partir desses direcionamentos, amplie-se a discussão o quanto a música descortina e desafia a outras narrativas

Ana Judite de Oliveira Medeiros é doutora em Sociologia com pesquisa em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil; com intercâmbio na Universidade de Évora, Portugal, em Musicologia. É mestre em Ciências Sociais com pesquisa em Música; especialista em Educação Musical; licenciada em Educação Artística com Habilitação em Música, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e graduada em Piano pela Escola de Música da mesma universidade. É professora de música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, Nordeste do Brasil.

Os hinos e a música comemorativa no contexto das celebrações do 1º de Dezembro em Évora na segunda metade de oitocentos

FILIPPE MESQUITA DE OLIVEIRA

(PASEV, CESEM UÉvora)

O hino alargou-se durante o liberalismo oitocentista também às manifestações musicais políticas, militares e patrióticas. A grande agitação política que caracterizou todo o século XIX em Portugal, foi assim acompanhada de momentos de contagiante exaltação musical, como aliás os próprios títulos dos hinos então surgidos exemplificam. Desde a Revolução Liberal, passando pela Independência do Brasil e a Guerra Civil até à Regeneração e ao Nacionalismo temos vários hinos constitucionais, com destaque para o *Hino da Carta*, o *Hino de D. Miguel «O Rei Chegou»* expressando o fervor absolutista, o *Hino da Maria da Fonte*, expressão máxima da consolidação do Regime Liberal, o *Hino Regenerador* e o *Primeiro de Dezembro de 1640*, este último comemorando as glórias do passado em prol da afirmação nacionalista e patriótica. Sem dúvida marcante no quadro das comemorações políticas durante a segunda metade do século XIX foi precisamente o 1º de Dezembro, manifestação jubilatória de fervor nacionalista, associada à restauração da nacionalidade. Évora não fugiu à regra, tendo-se tornado central no contexto desta festividade. No ano de 1881, com a queda do Ministério Progressista, a cidade entrou numa espécie de ebulição política que só foi amainada com as comemorações do 1º de Dezembro, tendo ficado este dia conhecido como aquele em que se fez «ensarilhar armas a progressistas e regeneradores». A presente comunicação tem por objectivo apresentar uma série de factos determinantes associados às manifestações musicais de pendor político em Évora durante a segunda metade de oitocentos, sobretudo as que estiveram ligadas às comemorações do 1º de Dezembro no quadro do espaço urbano da cidade. O estudo pretende assim fazer a relação integrada desses factos, com vista ao enriquecimento da narrativa histórica do que foi o panorama musical eborense, nas perspetivas, simultaneamente do hino político, e das comemorações do Dia da Restauração.

Filipe Mesquita de Oliveira, Doutorado em Música e Musicologia pela Universidade de Évora, é actualmente Professor Auxiliar nessa instituição. O seu domínio de especialização é a música de tecla ibérica dos séculos XVI e XVII. Tem também vindo a desenvolver trabalho de investigação em torno da música portuguesa no período final do Antigo Regime. Como conferencista destacam-se diversas apresentações em Portugal e no Estrangeiro. Das suas publicações são de referir os artigos, «Some aspects of P-Cug, MM 242: António Carreira's keyboard tentos and fantasias and their close relationship with Jacques Buus's ricercari from his Libro primo (1547)», (Ashgate, 2013), «A formação orquestral durante o período final do Antigo Regime no contexto dos fundos musicais de Évora – o testemunho da obra de Ignácio António Ferreira de Lima († 1818)», (Colibri, 2014) e «Os hinos *Ut queant laxis e Fortem virili pectore* do fundo musical da Sé de Évora no contexto da produção musical de Inácio António Ferreira de Lima», (Cidehus, 2019). É actualmente investigador da equipa do projecto *PASEV – Patrimonialization of Évora's Soundscape 1540–1910* afecto ao CESEM/Pólo Évora, no âmbito do qual tem vindo a desenvolver um trabalho de investigação de que se destacam estudos em torno da obra do compositor Teodósio Augusto Ferreira – *As obras de Teodósio Augusto Ferreira no contexto do panorama musical eborense do derradeiro quartel de oitocentos* – bem como dos hinos e dos festejos comemorativos em Évora durante a segunda metade do séc. XIX. Integra ainda as equipas de investigadores da linha de investigação *Estudos de Música Antiga* e do *Núcleo Caravelas* do CESEM – UNL.

Por uma outra escuta: implicações tecnológicas e musicais na «Belle Époque» carioca

JOABE GUILHERME OLIVEIRA

(Instituto de Artes da UNESP)

A ideia fisiológica de ouvido, do qual nós temos hoje, é distinta da que tínhamos a cem anos, assim como a escuta. Transformações acontecem ao seu tempo e modo, de acordo com o desenrolar dos processos históricos. A tese, que aqui será abordada, de que os recentes aparelhos musicais difundidos e comercializados na capital do Brasil, no início do século XX, tenham contribuído para a transformação da escuta, se constrói, de maneira geral, nos relatos que poderemos observar e analisar através dos textos e propagandas, sobre as tecnologias musicais, veiculados pela revista *Fon-Fon*, uma das revistas ilustradas mais populares de sua época. Dentro dessa visão, faz-se necessário, o resgate da obra *“Noções de Psicologia”* de Manoel Bomfim, como um articulador extremamente importante, em razão dela apresentar discussões novas dentro da psicoacústica, área relevante no estudo da percepção sonora, naquele Brasil da “Primeira República”. O método desse artigo, portanto, partirá da análise historiográfica, de uma historiografia da “recepção”, comparando a revista *Fon-Fon* e o pensamento sobre psicoacústica de Manoel Bomfim, pensamento esse, que traz uma discussão fisiológica e acústica do som no Brasil da *Belle Époque*. Disso se segue a justificativa desse artigo, que é, a de fornecer discussões e reflexões sobre uma parte da história da gravação e reprodução, visto que, em tempos atuais, temos um estreitamento intenso entre as tecnologias musicais, indivíduos e sociedade.

Meu início nos estudos musicais se deu no ano de 2011 através do programa Guri Santa Marcelina, lugar onde tive aulas com o professor Alexandre Ribeiro, no que diz respeito à iniciação ao violão e rudimentos da teoria musical. Logo após, ingressei na Etec de Artes, onde fiz regência coral, e na Emesp, onde dei sequência a minha trajetória como violonista. Em 2015, pelo Prouni, matriculei-me no curso de Licenciatura Plena em História, do Instituto Sumaré de Ensino Superior, no qual, juntamente com os conhecimentos musicológicos adquiridos através do curso de Composição e Regência da UNESP, direcionaram-me ao meu objeto de pesquisa, à Música, que por sua vez, resultou na minha defesa de TCC. Atualmente curso mestrado em Cognição Musical com o Prof. Dr. Marcos José Cruz Mesquita, onde tenho me dedicado a pesquisa sobre as tecnologias musicais e suas implicações cognitivas/históricas no Brasil.

Paisaje Sonoro histórico: Área Prado-Retiro. Madrid

CRISTINA PALMESE

(Paisajesensorial Office-Lab)

JOSÉ LUIS CARLES

(Universidad Autónoma de Madrid)

¿Como sonaba la ciudad? ¿Qué sonidos quedan y cuales ya no están? ¿Cómo ha cambiado el paisaje sensorial urbano? ¿qué huellas sonoras del pasado permanecen en nuestra vida cotidiana? ¿Qué conocimientos acerca de la interacción hombre-contexto nos aporta el estudio de la evolución de paisajes sonoros históricos? El proyecto que presentamos plantea un recorrido en el tiempo por el entorno Prado-Retiro, a través de sus paisajes sonoros y sensoriales con el objetivo de relacionar el paisaje sensorial del pasado y el contemporáneo. Nos hemos planteado dos cuestiones iniciales:

- Como poner a punto una metodología de investigación de los sonidos del pasado.
- Como podemos entender nuestra relación con el contexto, con el poder, con la naturaleza a partir de estos estudios.

Partiendo de conceptos y prácticas multidisciplinares como Paisaje Sensorial y Paisaje Sonoro, hemos desarrollado una metodología que implica la historia, la etnología, la arquitectura, la sociología, la acústica, la música, el arte en la reconstrucción de los ambientes sonoros históricos. El uso de tecnologías diversas como los motores de videojuegos, sistemas de geolocalización o herramientas de simulación acústica 3D la complementa. Nuestro caso de estudio, el área Prado Retiro, ha tenido gran importancia en el desarrollo político, social y urbano de la ciudad de Madrid a partir del 1550. Para tratar de comprender los mecanismos que dan vida a la ciudad planteamos una escucha de las actividades cotidianas a través de sus protagonistas. La búsqueda de una identidad histórico-cultural de la ciudad a partir del sonido en su entorno arquitectónico y urbano nos aporta un valor fundamental: el de la convergencia de diferentes percepciones y disciplinas, la adopción de nuevos valores en los que entran en juego las vivencias cotidianas, las identidades y una memoria sumergida en el inconsciente colectivo, integrando los valores tradicionales con los actuales. El proyecto es un work in progress, en el que actualmente colaboran Álvaro Flores y Miguel Angel Olmeda. Aquí presentamos los resultados de la primera fase.

Cristina Palmese es arquitecta por la universidad de Nápoles. Especialista en proyecto Urbano y Arquitectónico por la misma Universidad. Doctora en Arquitectura por ETSAM, investigadora y artista audiovisual. Es directora del estudio Paisaje Sensorial Office-lab. Su actividad se desarrolla en campos interdisciplinares entretrejiendo trabajos de investigación teórica, aplicada y creativa. Actualmente trabaja en el Mapa Colaborativo Historias Sonoras del Covid-19 y en el Proyecto El Paisaje Sonoro del área Prado Retiro de Madrid. Ha participado en proyectos de investigación internacional como Metabody, Playing the space y ResonArt. Es curadora de la Semana del Sonido Madrid y directora del programa La Casa del Sonido de Radio Clásica De Radio Televisión Española

José Luis Carles es compositor y ecólogo. Doctor en Ciencias Biológicas (Universidad Autónoma de Madrid). Profesor del departamento Interfacultativo de Música. Universidad Autónoma de Madrid. Premio Fundación Bancaixa, Premio Festival Avanca Cinema-Portugal; Primer Premio del 33 Concurso Internacional de Música Electroacústica de Bourges 2006 Sección Quadrivium categoría Arte Sonoro Electroacústico GMEB de Bourges (Francia), etc. Desde 2002 es director y presentador del programa "La casa del Sonido". en Radio Clásica- RTVE (con Cristina Palmese). Autor de la Bandas Sonoras para cine (Documental "Hombres detrás del Gigante" Cadena ARTE; largometraje "SOL"; Director: Javier Aguirre.) Director del Congreso Internacional sobre Espacios sonoros y audiovisuales (5 ed.) director de los Encuentros Iberoamericanos sobre Paisajes Sonoros (4 ed.).

Fronteras invisibles para el Paisaje Sonoro de sonidos cotidiano

XOLOCOTZIN ELIGIO ELIAS PARACELSO

(FAD UNAM)

Para el propósito de esta investigación nos acercaremos a los Paisajes Sonoros cuya integración está dado por aquellos sonidos relegados, silenciados u omitidos, aquellos que se presentan ante nosotros como residuos sonoros, sonidos que sin intenciones de ser una señal o símbolo particular, a través de su expresividad se hacen presentes sin revelar su fuente u origen, es por ello que nos hemos acercado someramente a las propuestas de la ontología orientada a objetos propuesta por el filósofo contemporáneo Graham Harman para decantar el sonido, en sí mismo, más allá de su fuente y simbolismo. Las propuestas artísticas que atienden estos sonidos, promueven una escucha atenta de lo cotidiano permitiendo que sea el escucha quien decante su interés para aprehender su entorno sonoro, “a soundscape consists of events heard not objects seen” (Schafer, 1977, p.110), sin reparar en las fuentes que producen el sonido, haciendo uso de la escucha profunda como si se tratara de un estetoscopio en el proceso de auscultación. El sonido en sí mismo como parte integrante del paisaje sonoro en el contexto del arte, se dispone en una reciprocidad ante la cual el espectador, constructor del objeto sonoro, da cuenta de su posición ante el paisaje sonoro en marcado en la propuesta artística, “sound is not merely information exchange, but is capable of creating relationships between listeners and their environment in dynamic process of embodied cognition” (Truax, 2012, p.2), las piezas que citamos ponen en situación al escucha, tras una escucha profunda, el escucha puede dar cuenta que aquellos sonidos que relegados como el ruido y el silencio están en constante relación con nuestra disposición en el entorno, no solo nos sitúan en un espacio temporal sino que su presencia nos delimita como sujetos, “Noise pollution result when we do not listen carefully” (Shafer, 1977, p.110). Las intervenciones sonoras ya sea en espacios abiertos o cerrados, más allá de la significación que pueda atribuirles el escucha, están dispuestas a ser explorados y recorridos libremente, será el usuario quien en mayor o menor medida se preste a los sonidos que el artistas ha señalado con el gesto provocativo de disposición a la escucha.

Nacido en la ciudad de Cuernavaca, Morelos, México, realizó sus estudios de licenciatura en artes plásticas (escultura) en la facultad de artes de la Universidad Autónoma del Estado de Morelos, de donde es maestrante en Historia del Arte y Maestro en Producción Artística, actualmente es Doctorante en el Posgrado de Artes y Diseño de la Universidad Nacional Autónoma de México, ha presentado su trabajo en distintos festivales; Encuentro de escultura sonora y música experimental (2018), Encuentro internacional de arte sonoro (2017), Festival Sonoro Tsonami (2012), Sguardi Sonori (2010 y 2011), Visiones Sonoras (2009), Electrovisiones (2009), MOD: monitor digital (2008), SONOM (2006). Beneficiario del programa de estímulo a la creación artística en los periodos 2011 y 2014. En 2018 inaugura el gabinete de video en Jardín Borda con la exposición “Silente”.

Música, sonidos, y silencios de una pandemia: Análisis de los cambios sonoros y sus consecuencias durante el confinamiento en la ciudad de Amposta

FERNANDO DAVID MALDONADO PARRALES

(Universitat Autònoma de Barcelona – Tecnocampus, Universitat Pompeu Fabra)

El pasado año 2020, provocado por la pandemia del Covid-19, se produjo un hecho que marcaría el rumbo de los meses comprendidos entre marzo y junio: la obligatoriedad de un confinamiento doméstico el cual impedía, salvo casos justificados, salir de los domicilios a cualquier hora del día. Esta nueva normativa impuso, a las personas, una nueva manera de relacionarse con el entorno y, por tanto, a resignificar los códigos sonoros y sociales de una ciudad paralizada. La población de Amposta, situada al sur de Catalunya y con una población aproximada de 20000 habitantes, poseedora de una gran tradición musical (sus dos bandas de música son centenarias y ampliamente galardonadas) se torna un entorno de estudio óptimo para una situación tan inusual como el confinamiento. La modificación del día a día, la cancelación de actos culturales o de ensayos musicales y la necesidad de mantener una cohesión social a- pesar del distanciamiento físico- provocaría que el ingenio y la reivindicación intentasen facilitar que el “espíritu musical ampostino” no desapareciese. *Conciertos en balcones*, *dj's de barrio* y *ensayos conjuntos con vecinos* son algunas de las soluciones que formaron parte de la rutina de dichos meses. De esta manera, la siguiente comunicación toma como objetivo analizar dichos *actos socio-culturales confinados*, llevándonos a reflexionar acerca de la modificación del espacio privado en espacio público, las características identitarias de una población, el papel de la tecnología y el proceso de resignificación de las marcas sonoras.

Posee un diploma de técnico de sonido así como también de técnico especialista en sistemas digitales por la Escuela Superior MK3. Posteriormente se gradúa en Musicología por la Universitat Autònoma de Barcelona, hecho que ha provocado que sus postreros trabajos focalicen en la implementación de nuevos métodos de captación sonora, sonología o estudio de la acústica en servicio de la etnomusicología. Algo que actualmente se encuentra desarrollando como colaborador del grupo de investigación *SSIT del Tecnocampus de Mataró*. Al haber iniciado sus estudios musicales en la escuela de la *Unió Filharmònica* de la ciudad de Amposta provoca que varios proyectos y trabajos se centren en esta localidad y sus expresiones culturales llevando a cabo estudios desde un punto de vista etnomusicológico y de perspectiva de género. A sí mismo, realiza a cabo la gestión y planificación de diversos proyectos artísticos, del cual *Art by Art* es un ejemplo.

El impacto del comercio atlántico en el paisaje sonoro de Sevilla en la Edad Moderna

CLARA BEJARANO PELLICER

(Universidad de Sevilla)

La historia de la ciudad de Sevilla experimentó un vuelco desde que América fue incorporada a la corona de Castilla y particularmente desde que se asentó en ella la Casa de Contratación. La proyección atlántica dio a Sevilla una proyección metropolitana que se reflejaría también en su paisaje sonoro en poco tiempo. El objetivo de este trabajo consiste en reflexionar sobre los cambios que pudo sufrir el paisaje sonoro de la ciudad bajo la influencia de las transformaciones en las prácticas económicas, sociales, culturales y religiosas. Para ello, será necesario documentar la atmósfera portuaria, la naval y la comercial, sin olvidar que los cambios tendrán su eco también en el interior de los templos y en las fiestas públicas. Especial interés recibirán las flotas de Indias en sus partidas y llegadas. Para reconstruir ese paisaje sonoro y comprender las mutaciones que implicaba en la experiencia urbana, tendremos que recurrir a diseminadas fuentes primarias, procedentes de archivos y bibliotecas.

Doctora en Historia por la Universidad de Sevilla (2011), Licenciada en Historia y Ciencias de la Música por la Universidad de la Rioja (2013) y obtuvo el Grado Medio en Música (especialidad de Percusión) en el Conservatorio *Francisco Guerrero* de Sevilla (2006). Su Tesis Doctoral (Universidad de Sevilla, 2011) ha sido galardonada con el Premio de la Fundación Focus-Abengoa y con Premio Extraordinario de Doctorado de la Universidad de Sevilla. Es autora de las monografías *El mercado de la música en la Sevilla del Siglo de Oro* (2013), *Los sonidos de la Ciudad. El paisaje sonoro de Sevilla, siglos XVI al XVIII* (2015) y *Los Medina. Redes económicas y sociales en torno a una familia de músicos entre el Renacimiento y el Barroco* (2019). En la actualidad es Profesora Titular del departamento de Historia Moderna la Universidad de Sevilla y forma parte de varios grupos de investigación de carácter internacional.

«Interrumores»: o mapeado da identidade multicultural da paisagem sonora

ANA MARÍA MOYA PELLITERO

(CHAIA UÉvora)

Nesta comunicação apresenta-se o projeto de investigação participativa *Interrumores* desenvolvido nos anos 2018 e 2019, centrado no estudo da paisagem sonora como património urbano intangível que define a identidade da paisagem histórica dos bairros de Alfama, Mouraria, Anjos e Graça em Lisboa. O nosso desafio encontrava-se em como dar forma e representar as experiências subjetivas e coletivas, sensoriais, corporais, emocionais e multiculturais na construção da identidade sonora destes quatro bairros de Lisboa. A metodologia de trabalho envolveu uma pesquisa empírica e participativa com o contributo de quarenta adolescentes (entre 12 e 19 anos) de dez nacionalidades diferentes, moradores nestes bairros. Contamos com a colaboração da Escola Secundária Gil Vicente, e da Associação Largo Residências e envolveu um trabalho em equipa transdisciplinar formado pela investigadora Ana Moya, o músico Fernando Ramalho e o ilustrador a.k.a Mantraste. Num formato de laboratório experimental trabalhamos com os jovens a escuta e a recolha de sons, com o movimento exploratório em itinerários pelos bairros e a recolha individual dentro do quotidiano mais familiar. Observamos o corpo na interação com o espaço urbano, e a criação ativa de sons nas ações corporais e na própria fala, reformulando assim o papel da presença física do corpo na identidade da paisagem sonora. A representação do acervo sonoro dos jovens requeria da construção de uma plataforma digital www.interrumores.pt, num formato de cartografia sonora através da linguagem artística da criação musical e da ilustração, onde pode-se experimentar o universo das narrativas subjetivas e coletivas dos jovens, ordenadas dentro de quatro temáticas chave: a linguagem, a memória, a música e o quotidiano. Esta cartografia apresenta um universo de desenhos táteis (clicáveis), onde de forma dinâmica e interativa o utilizador pode experimentar a paleta de sons e criar composições sonoras personalizadas. Este projeto foi selecionado, e apresentado no Festival NextStop e no Festival Intendente em Festa no ano 2019 em Lisboa, e contou com financiamento do Largo Residências, NextStop Consórcio (PT/2017/FAMI/210).

Ana M. Moya Pellitero é investigadora doutorada, e bolsista de pós-doutoramento FCT, no Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA), Universidade de Évora (SFRH/BPD/101156/2014). Pós-graduada em Intervenção e Gestão da Paisagem para a Dinamização do Património Natural, Cultural e Turístico pela Universidade Autónoma de Barcelona (2009). Doutorada em História e Teoria da Paisagem e Cultura Urbana pela Universidade Técnica de Eindhoven (2007), e Mestre em Arquitetura pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, Universidade Politécnica de Catalunha. O seu pós-doutoramento sobre a paisagem urbana somática e multicultural estuda a identidade dinâmica e imaterial do património da paisagem nos bairros históricos de Lisboa (Mouraria) e Raval (Barcelona). Este trabalho envolve o estudo do corpo, a coreografia corporal e performativa e a percepção multisensorial do espaço urbano, junto com o seu mapeado e representação. É autora do livro *La percepción del paisaje urbano* (Madrid, Biblioteca Nueva, 2011).

Por uma «microgeografia» sonora: bordas e centros em vibração

FREDERICO PESSOA

(ESCUTAS Universidade Federal de Minas Gerais)

Este artigo aborda a constituição de uma comunidade através das sonoridades que ultrapassam barreiras e limites e que apontam para inevitabilidade da costura do estar em comum através dos sons, tenhamos ou não consciência de sua atuação – o confinamento resultante da pandemia, provoca a sensibilidade para a circulação dos sons e sua potência afetiva. A comunidade não é aqui vista como a tecedura intencional de compartilhamento a partir de objetivos comuns. O percurso se inicia com a abordagem ontológica de Jean-Luc Nancy acerca da comunidade, do *ser em-comum*, fundamental ao ser humano e anterior a qualquer ideia de individualidade. Gostaríamos de propor neste texto que o som é um elemento que articula fundamentalmente este estar em comum, através de sua capacidade de nos afetar, quer o desejemos quer não. Abordaremos uma *microcomunidade*, um conjunto de moradias vizinhas no centro de uma cidade – Belo Horizonte, e como o som, este fenômeno antes de tudo vibratório (Goodman), a coloca em ressonância, provocando consonâncias e dissonâncias entre pessoas, e atuando de forma determinante em seus ritmos. O espaço é aqui pensado não como um dado campo no qual as relações se desenham, mas como as próprias relações, fluxos, vibrações e ritmos que o definem e o fazem necessariamente vibratório (Massey; Lefebvre). Músicas, diálogos, máquinas, seres humanos e não humanos, arquitetura (Blessner & Salter) estão envolvidos no desenho destes ritmos, ciclos, movimentos e relações. O som pode ser violento, invasivo, ameaçador, e ao mesmo tempo, pode ser agradável, convidativo, sensual, acalentador. O ínfimo fragmento sonoro invade espaços e faz com que vibrem com ele, ressoando corpos e também capturando afetos, memórias, modos de ser e estar. Nossa proposta é construção de uma Cartografia Sonora que demonstra o movimento dos afetos provocados pelo som em um determinado espaço e a criação de conexões entre grupos e indivíduos que não se conhecem, mas que convivem, trocam, afetam e são afetados a partir do compartilhamento sonoro.

Mestre e Doutor em artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, artista sonoro, sonoplasta do Depto. de Comunicação Social da UFMG e integrante do ESCUTAS: Grupo de Pesquisa e Estudos em Sonoridades, Comunicação, Textualidades e Sociabilidade do Depto. de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Vem realizando instalações, performances sonoras e performances multimídia, trabalhando em parceria com outros artistas e pesquisando, refletindo e escrevendo sobre o som nos últimos 15 anos. Site: www.fredericopessoa.net

***La muerte del obispo en el mundo ibérico:
música, ceremonial y exequias públicas en la Barcelona de finales del siglo XVI***

ANDREA PUENTES-BLANCO

(Université Toulouse Jean Jaurès)

La historia de la muerte y los rituales funerarios ha sido un área de investigación muy fructífera en las últimas décadas desde la perspectiva de la historia social, cultural y artística. En el ámbito de la musicología, el estudio de las prácticas musicales funerarias ha sido, en cambio —y con algunas excepciones—, algo más limitado. Las investigaciones se han centrado, principalmente, en el análisis de determinados géneros musicales de la liturgia funeraria y en las exequias reales como ceremonia fúnebre por antonomasia. Esta comunicación pone el foco de atención en un aspecto muy poco explorado hasta el momento: las exequias públicas tributadas a los obispos de las diócesis ibéricas, empleando la ciudad de Barcelona de finales del siglo XVI como caso de estudio. Mediante el análisis de distintos tipos de documentación, fundamentalmente crónicas, es posible recrear el ritual desplegado en la ciudad durante este tipo de eventos. Las exequias de los obispos barceloneses se prolongaban durante aproximadamente una semana e implicaban el uso de diferentes espacios de la ciudad: el palacio episcopal, en donde se instalaba la capilla ardiente en los días previos al entierro; la Catedral, donde tenían lugar los oficios principales; y las calles de la ciudad, por las que discurría una multitudinaria procesión portando el féretro del prelado. Las fuentes disponibles son especialmente prolijas en información sobre la composición del séquito funerario del obispo, el itinerario urbano que seguía y los cantos entonados por el clero y los cantores de la catedral, que asumían un rol principal en todo el ceremonial de exequias. Esta información, complementada con el contenido de libros de polifonía vinculados a la ciudad permite aproximarse al repertorio polifónico interpretado en estos eventos funerarios en los que la figura del obispo era honrada como modelo de la piedad y espiritualidad contrarreformista.

Andrea Puentes-Blanco es actualmente profesora de Musicología en la Université Toulouse Jean Jaurès (Francia) y, próximamente, se incorporará al Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institución Milà y Fontanals (IMF) de Barcelona como Científica Titular en Musicología y Humanidades Digitales. Es Doctora en Musicología (2018) por la Universidad de Barcelona (UB), Máster en "Musica como arte interdisciplinar" (UB) y Licenciada en Historia y Ciencias de la Música (Universidad de Oviedo). Su Tesis Doctoral, "Música y devoción en Barcelona (ca. 1550-1626): estudio de libros de polifonía, contextos y prácticas musicales", recibió la máxima calificación y la 'Mención Internacional'. Ha realizado estancias de investigación en el Centre d'Études Supérieures de la Renaissance (CNRS y Université de Tours, 2015), en la University of Oxford (2016) y la University of Chicago (2017).

Pequenos Compositores no Museu: criações musicais a partir dos Jogos PASEV no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo

JOÃO RICARDO

(PASEV, CESEM UÉvora/NOVA-FCSH)

Esta investigação pretende expor o desenvolvimento de parte dos resultados desenvolvidos pelo projeto PASEV: Patrimonialização da Paisagem Sonora de Évora em sintonia com o Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo em Évora. Mais especificamente uma atividade desenvolvida num formato de um jogo com vários «checkpoints» de relevância sonora, destinada a crianças até aos 12 anos de idade. Cada ponto iconográfico inclui um pequeno fragmento sonoro – intrínseco à iconografia específica – que culminará, no final da visita, numa pequena composição em que os vários fragmentos sonoros recolhidos são ordenados consoante a ordem de descoberta pelas próprias crianças, resultando numa curta peça para cada jogador. Estes fragmentos estão criados à priori, inspirados em tradições e exemplos de composições aleatórias como o caso de *Mosaic Quartet* (1935) de Henry Cowell, *Klavierstück XI* (1957) de Karlheinz Stockhausen ou *In C* (1964) de Terry Riley. O objetivo desta componente, para além de servir como prémio ou recompensa ao jogo, é o de aliar o ato da composição sonora não apenas a estudos e trabalhos relativos à educação musical e desenvolvimento pedagógico, mas a tópicos das artes visuais relacionadas também com a história e o património. Deste modo, a partir de uma atividade desenhada com o intuito de desenvolver uma sensibilidade estética, os usuários poderão obter um produto sonoro final, fruto dos seus esforços na procura e identificação iconográfica, graças a uma abordagem menos usual à criação musical.

João Ricardo (1993) terminou o mestrado em Artes Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL) em 2019. As suas mais recentes óperas foram estreadas pela INESTÉTICA COMPANHIA TEATRAL e pelo OPERAFEST LISBOA; a sua ária para tenor *Quando enganei os deuses*, com libreto de Tatiana Faia, foi a obra vencedora do prémio Carlos de Ponte Leça na Maratona Ópera XXI, em Setembro de 2021. Aluno de composição e análise do professor Luís Soldado, frequentou também *workshops* e *masterclasses* com os compositores e investigadores Jaime Reis, Vincent Debut, Ake Parmerud, Hans Tutschku, Luis Naón, João Pedro Oliveira, Carlos Caires, Dimitris Andrikopoulos e António Sousa Dias. Para além do seu percurso composicional, colabora regularmente em trabalhos de edição musical e produção de eventos com a AREPO – Associação de Ópera e Artes Contemporâneas. É também investigador afiliado com o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM) desde Setembro de 2019, no Grupo de Investigação em Música Contemporânea e na Linha de Estudos de Ópera, e desde Março de 2020 que é bolseiro de investigação na Universidade de Évora, integrado no projeto PASEV: Patrimonialização da Paisagem Sonora de Évora. <https://solo.to/joaodcricardo>

Alterações nos toques dos sinos da Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei em decorrência da pandemia de Covid-19

EDILSON ASSUNÇÃO ROCHA, RAFAEL MENDES DE RESENDE

(Universidade Federal de São João del-Rei)

São João del-Rei mantém viva até os dias atuais a tradição dos toques dos sinos. Nesse cenário, a Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, destaca-se como referência na realização e preservação dessa linguagem. Os toques são executados durante todo o ano, anunciando missas, sepultamento de irmãos, festa de homenagem aos santos, novenas dentre outros diversos acontecimentos litúrgicos e paralitúrgicos da igreja. O presente estudo estabelece uma análise dos toques de sinos registrados nos anos de 2020 e 2021, tendo em vista as várias medidas de segurança impostas pelas autoridades sanitárias em decorrência da pandemia do Coronavírus. Inicialmente, cabe destacar, que os toques passaram por grandes mudanças, alguns precisaram ser adaptados e outros deixaram de ser realizados. Como suporte metodológico para a realização deste trabalho foram realizadas gravações em diversos momentos a partir de março de 2020. Nesse contexto, observou-se que em algumas situações os repiques festivos foram substituídos pelo toque de penitência. O tradicional “combate dos sinos” que ocorre durante a festa dos Passos foi proibido e os toques da Semana Santa precisaram ser reduzidos. Como referencial teórico foi adotado a obra *“O toque dos sinos e o ofício sineiro”* que trata sobre o Toque dos Sinos de Minas Gerais. Neste livro são especificados todos os toques de sinos realizados em São João del-Rei. A partir da pesquisa de campo e com base no referencial teórico utilizado foi possível realizar o objetivo principal desta pesquisa, verificando as principais alterações que ocorreram no período em análise. Assim, apesar de todas as situações adversas enfrentadas durante essa pandemia, foi possível identificar o grande esforço dos sineiros em manter viva a tradição dos toques de sinos. Mesmo com o número reduzido e a necessidade de readaptações nos toques devido as proibições impostas, os sineiros não deixaram de exercer esse ofício, mantendo viva a tradição secular e os sons dos sinos presentes na paisagem sonora de São João del-Rei.

Edilson Assunção Rocha é doutor e mestre em Regência pela Escola de Música da UFBA, Possui graduação em Regência e Canto pela Escola de Música da UFMG. Atualmente é professor associado na UFSJ e coordenador do Programa de Pós-Graduação da UFSJ- PPGMUSI. Líder do grupo de pesquisa de Musicologia da UFSJ. É também compositor de música brasileira popular, com atuação na área.

Rafael Mendes de Resende é mestrando em musicologia no programa de mestrado em musicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, tendo como projeto de pesquisa a “Transcrição para partitura da Linguagem dos Sinos da Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei”. Graduado em Música na UFSJ. Atualmente é professor de musicalização na Prefeitura Municipal de Congonhas.

*Canção D'Além-Mar:**O 'sentido' religioso na conformação musical brasileira*

JOICE CARVALHO RODRIGUES

(PPGARTES, Universidade Estadual de Minas Gerais)

No final do século XV, na transição da Era Medieval para os Tempos Modernos, predominava-se uma linguagem metafísica e escatológica, pautada pela crença no milenarismo e nas profecias de Joaquim de Fiori (1132-1202). Tais prognósticos joaquimitas teriam influenciado a mentalidade da época e a crença de que a ocorrência de certos eventos estaria predita na Sagrada Escritura, como a descoberta do Novo Mundo. Tão logo, o achamento das Américas pelos espanhóis, em 1492, foi interpretado pela ótica cristã como o cumprimento desta profecia. Assim como ocorreu com os espanhóis, a chegada dos portugueses ao subcontinente americano, em 1500, também haveria de corroborar com o sentido religioso na história das conquistas marítimas, pois o processo de colonização do Novo Mundo foi desencadeado, sobretudo, através da expansão da fé católica, com a implantação da Igreja e a evangelização da população nativa. Foi com a missão de catequizar os indígenas que a Companhia de Jesus iniciou suas atividades na colônia portuguesa em 1549. Logo à chegada ao Brasil, os jesuítas perceberam o fascínio que a música exercia nos nativos e passaram então a utilizá-la como meio de transcodificação cultural e religiosa, seja ao lecionar o instrumental ibérico aos indígenas, seja ao compor cantochão na língua nativa, ou ainda, ao poetizar *a lo divina*. As cartas dos jesuítas são uma importante fonte documental do período de atuação da Ordem no país, elas dão subsídio para a reconstituição da paisagem sonora do Brasil quinhentista, e é através das mesmas que se pretende neste trabalho angariar informações acerca da musicalidade desenvolvida à época e de como a música tornou-se importante instrumento de catequização. Juntamente com outras produções historiográficas, poder-se-á averiguar como o contato entre as sonoridades produzidas pelos indígenas e aquela lecionada pelos clérigos, teriam contribuído para a conformação inicial da musicalidade brasileira.

Joice Carvalho Rodrigues (1987), reside na cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais – Brasil. É graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) (2007-2011) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) com concentração em Música e Artes Visuais (2019-2021) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Foi bolsista pesquisadora da Fundação Para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (FIOTEC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) entre 2013 e 2019. Atualmente desenvolve uma pesquisa sobre o cancionário caipira em interface com fenômenos sócio-históricos, como o processo de urbanização do Brasil. Possui interesse pelos temas: música e cultura popular brasileira, sociologia e história da música. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7327096359894509>

Warfare and bell ringing: The mid-nineteenth-century confessional conflict in Mount Lebanon

ALEX RODRIGUEZ SUAREZ

The pealing of bells dominated the soundscape of Christian societies for centuries. Church bells and public clocks regulated the everyday life of people in both cities and countryside. Bells also played a significant role in times of war; for instance, they were rung to warn citizens of any attacks. In addition, bells could suffer the consequences of warfare. Conquests frequently resulted in their destruction and looting. In this paper I am going to discuss bell ringing and bells in Mount Lebanon in the mid-nineteenth century, a period that witnessed military strife between different religious communities, namely, the Maronites and the Druzes. The status of Mount Lebanon was particular. Even though it was part of the Ottoman Empire, the Christian communities of Mount Lebanon were free to ring church bells. This advantage was rare since the use of bell ringing for religious purposes was generally forbidden in Muslim polities. Instead, Christians in the Levant mostly used a wooden instrument to announce the religious service. Ottoman authorities only allowed Christians to use bell ringing from 1856. Hence, the religious soundscape of Mount Lebanon in the first half of the nineteenth century was distinctive. The confessional conflicts of the mid-nineteenth century confirm this singularity. A number of written sources report how church bells were employed during the hostilities. More importantly, they also record their fate and misuse. These details indicate that the non-Christian population rejected the pealing of bells, which functioned as an aural symbol of the Christian presence in the region. Moreover, the analysis of the sources suggests that the information was used as an element of the pro-Christian propaganda aimed at securing the sympathy of the Western powers.

Alex Rodriguez Suarez is an independent scholar. He received his PhD in Byzantine history from King's College London (2014). Since then he has conducted research in Turkey (ANAMED, AKMED), Bulgaria (CAS Sofia), Italy (Centro Vittore Branca), Greece (American School of Classical Studies at Athens) and Lebanon (Orient-Institut Beirut). Moreover, he has been a summer fellow at Dumbarton Oaks Research Library and Collection (Washington DC). His latest projects have focused on the religious soundscape of the Christian communities of Southeastern Europe and the Middle East, mainly the use of church bells. Among his other research interests are cultural exchange and iconography.

Políticas públicas, paisagem sonora e direito à cidade: A música no Arco de Gelmires (Santiago de Compostela, Galiza)

MATÍAS G. RODRÍGUEZ-MOURIÑO

(Universidade de Santiago de Compostela)

Sob a arcada do Paço Arcebispal de Santiago de Compostela, conhecido popularmente como “Arco de Gelmires”, a música é incessante; há muito tempo que assim é. Gaiteiros e cantantes líricos reúnem-se baixo a arcada do s. XII que conecta a Rua da Azevicheria com a Praça do Obradoiro, o espaço público mais assinalado e icónico da cidade (e, consequentemente, o mais disputado). Este mesmo ano, e no contexto da modificação do regulamento municipal das atividades artísticas na rua¹, que anunciava a proibição de toda atividade artística nos arredores da catedral, reservava-se um anexo próprio para o Arco de Gelmires. Lá, para além de proibir qualquer atuação que não fosse de gaiteiros ou cantantes líricos e o estabelecimento de seis turnos diários, fixava-se um horário (exclusivo para este espaço) mais reduzido, de 12h a 21h. O motivo, explicitado em declarações do vereador, eram as moléstias dos clientes do próximo Hostal dos Reis Católicos, antigo hospital real do s. XVI que é hoje um estabelecimento de luxo aberto ao próprio Obradoiro. Este último regulamento, que gerou os protestos unânimes da comunidade artística de rua de Compostela e que vários partidos da corporação tentaram infrutuosamente anular, não é senão o último episódio de um largo conflito que atravessa a cidade desde há décadas. De uma parte, a declaração de Património Mundial da Humanidade da UNESCO em 1985 tem preservado o Casco Histórico de alguns dos abusos mais frequentes noutras cidades turísticas; de outra, Compostela é um exemplo de *overtourism*². Com apenas 100,000 habitantes, a cidade suportou a chegada de 350,000 peregrinos (a somar aos demais turistas) em 2019, e o Ano Jacobeu 2021 (extraordinariamente estendido a 2022 pelo Papa Francisco) teria trazido muitos mais. A expulsão da população do centro histórico por motivos de renda, a expansão descontrolada do parque de pisos turísticos, o feche de lojas tradicionais que vêm ser substituídas por lojas e serviços turísticos, fazem parte de um processo muito similar ao doutras cidades (caso do Porto, também no que diz a respeito das políticas culturais). Mas, também como noutros casos, esta gentrificação de Compostela abrange também o plano acústico³. É por isso que conflitos como este, por local que pareça, nos permitem abrir passo a perguntas fundamentais na investigação em paisagem sonora e políticas urbanas: Devem prevalecer os interesses económicos sobre dos direitos da cidadania que tradicionalmente tem desfrutado destes lugares? E no que diz respeito da questão horária, tão intimamente ligada a questões de paisagem sonora? Em paralelo ao direito à cidade, ou dentro dele, não existe um direito à paisagem sonora, como parte fundamental da identidade local? Não é a hora de formular as questões de paisagem sonora como um *commons*? Acaso não é a paisagem sonora uma parte fundamental do nosso *património*?

Matías G. Rodríguez-Mouriño é historiador da arte e doutorado em Filosofia. As suas publicações e interesses estão focados na Estética Contemporânea e os *Sound Studies* de uma perspectiva pós-estruturalista —particularmente em relação a questões como a caosmose, a ecosofia e a repetição—, e na obra de Félix Guattari, a quem dedicou a sua tese de doutorado: *Caosmosis y subjetividad: La estética de Félix Guattari* (2019). Participou de seminários e encontros científicos em Portugal, Espanha ou França e é editor, junto com Agar Ledo, Daniel L. Abel e Miguel Anxo Rodríguez, de *Novas narrativas na historia da arte contemporânea* (Universidade de Santiago de Compostela, 2020). Ele é sócio de SEyTA (Sociedad Española de Estética y Teoría de las Artes), ESA (European Society for Aesthetics) e WFAE (World Forum for Acoustic Ecology).

¹ Concello de Santiago de Compostela, Resolução nº 2021/2245.

² Para uma valoração crítica desta questão, cf. López, L., Pazos Otón, M., & Piñeiro Antelo, M. de los Á. (2019). ¿Existe overtourism en Santiago de Compostela? Contribuciones para un debate ya iniciado. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 83 <https://doi.org/10.21138/bage.2825>

³ Falarei acerca de «Gentrificação acústica e políticas urbanas: Micropolíticas do comum sonoro» na próxima *II Conferência Internacional de Pesquisa em Sonoridades – CIPSA* a se realizar entre 9 e 11 de junho de 2021 pelo Grupo de Estudos em Imagens, Sonoridades e Tecnologias (GEIST) da UFSC.

A paisagem sonora das corridas de touros no século XIX: o caso de Évora

VANDA DE SÁ

(PASEV, CESEM UÉvora)

As corridas de touros ocuparam regularmente as praças e os terreiros de localidades como Évora, criando uma paisagem sonora peculiar e densa. Através do som todos os intervenientes, incluindo o público, criaram um sistema de comunicação dentro de um jogo de tensão emocional crescente com convenções próprias no qual a música tem um papel sinalizador (as “chamadas”, as intervenções das bandas). É remota a história das touradas em Portugal, sendo costume referir que desde a fundação do País se efetuaram lides taurinas. Embora não haja uma conexão direta e necessária entre os treinos do guerreiro aristocrata, os jogos populares com bois na Idade Média, as largadas populares e os cavaleiros tauromáquicos e forçados no século XIX (Haro, 2019:21), confirma-se que estes espaços de sociabilidade adquirem poderoso significado, no processo civilizacional. A comunicação sonora e visual que já estava assegurada nas praças “improvisadas” ganha uma eficácia acústica e visual de excelência, nos recintos construídos em forma de arena. Em Évora, a Praça Grande (futura Praça do Giraldo em 1869) albergou corridas de touros por ocasião de festividades régias, pelo Corpo de Deus ou pela celebração da Revolução de 1820. Em 25 de Setembro de 1860 aquando da visita de D. Pedro V a Évora, realizou-se aí a última tourada (Moniz, 1984: 140). Outros espaços na cidade construídos para este efeito foram a praça dentro da cerca do convento das Mercês (1848), a praça dentro do antigo terreiro do quartel de cavalaria nº 5 (1851), as praças improvisadas no pátio das Salgadas (1863), na antiga Cadeia dos Estudantes (1878) e, finalmente, a inauguração em 1889 da Praça de touros de Évora, (Duro, 1907). Através de fontes documentais diversas, este estudo pretende avaliar os elementos que caracterizaram e sofreram transformações na paisagem sonora das sociabilidades associadas às corridas de touros e a outros espetáculos apresentados nas praças de Évora.

Doutorada em Musicologia (Universidade de Évora) e mestrado em Ciências Musicais (FCSH–UNL). Docente do Departamento de Música da Universidade de Évora. Domínios de investigação: música instrumental no período final do Antigo Regime, e a atividade musical na cidade de Évora, com várias publicações. Investigadora Responsável do Projeto de Investigação *Estudos de Música Instrumental 1755–1840* (2010–13: FCT). Membro do Projeto de Investigação *Orpheus – A música no Convento de São Bento de Cástris* (2014–15: FCT). Diretora do Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades Faria (2010–2011). Atualmente Investigadora Responsável do Projeto *PASEV / Patrimonialização da Paisagem Sonora em Évora: 1540 – 1910* (ALT 20–03–0145 – FEDER–028584. LISBOA–01–0145). Destacam-se as publicações: *Paisagens sonoras urbanas: História, Memória e Património* (CIDEHUS/CESEM – 2019) <https://books.openedition.org/cidehus/7521> e colaboração em *Ouvir e Escrever Paisagens Sonoras. Abordagens teóricas e (multi)disciplinares* (Universidade do Minho/CEHUM. 2020) <http://cehum.ilch.uminho.pt/events/437>.

A música e a dança enquanto elementos constituintes de uma singular identidade – o caso particular dos Pauliteiros de Miranda

MARIA DO ROSÁRIO SANTANA

(INET-md, Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda)

HELENA SANTANA

(INET-md, Universidade de Aveiro)

Por toda a Península Ibérica as manifestações culturais que incluem simultaneamente a música e a dança são inúmeras. Revelam-se atividades onde o misticismo, o sagrado e o profano imperam, e onde se descobrem diversos traços que são comuns nos dois lados da fronteira. Em outro, e na região da Raia, mormente por terras do Planalto Mirandês, ainda hoje se celebram as festas solsticiais de Inverno, festas essas que incluem rituais e ritos realizados com apurado rigor e genuinidade. Praxes de profundo significado mitológico, incluem ritos iniciáticos onde o passado e a tradição se fazem constantes. Relativamente à dança dos Pauliteiros e a sua origem, averiguamos que a informação difere sendo que, alguns autores, a remetem para a idade do ferro, e para a Transilvânia. Referem ainda que somente mais tarde se espalhou pelo continente europeu. No que respeita a Península Ibérica, alguns historiadores referem a existência de alguns povos que a habitaram ao longo do século III que se preparavam para os combates, com recurso a danças e onde, trocando as espadas pelos paus, praticavam os movimentos de guerra evitando riscos desnecessários. Destas informações percebemos a antiguidade, a genuinidade, a riqueza e uma intenção na sua prática. Nesta nossa proposta de comunicação pretendemos analisar o ritual da dança dos pauliteiros no que toca a música e a dança, os artefactos e os instrumentos musicais usados por terras da raia nos dois lados da fronteira. Incidiremos a nossa atenção no território de Terras de Miranda, de Galiza e Extremadura, de modo a perceber as suas características mais marcantes. Intentamos perceber o ethos e o pathos desta prática. No que concerne a música utilizada neste contexto, focaremos a nossa atenção nos instrumentos empregues, de modo a evidenciar as suas características mais marcantes.

Rosário Santana estudou Composição Musical na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Em 1998 obteve o grau de Docteur na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV) defendendo a dissertação intitulada – “Elliott Carter: le rapport avec la musique européenne dans les domaines du rythme et du temps”. Desde 1999, desempenha as funções de Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda. Pertence à Unidade de Investigação Inet-MD -, sendo co-autora do livro *(semi)-BREVES. Notas sobre música do século XX*, publicado pela Universidade de Aveiro, e autora da sua tese de doutoramento *Elliott Carter: le rapport avec la musique européenne dans les domaines du rythme et du temps*, publicada pelas Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve D'Ascq, França.

Helena Santana estudou Composição Musical na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Em 1998 obteve o grau de Docteur na Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV). Desde 2000, desempenha as funções de Professor Auxiliar no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro lecionando diversas disciplinas nos cursos de Licenciatura em Música, Mestrado em Música, Mestrado em Ensino de Música e do Programa Doutoral em Música. Pertence à unidade de Investigação Inet-MD, realizando diversa investigação no domínio análise e teoria da música contemporânea. Neste sentido, Helena Santana é co-autora do livro *(semi)-BREVES. Notas sobre música do século XX*, publicado pela Universidade de Aveiro, e autora da sua tese de doutoramento *L'Orchestration chez Iannis Xenakis: L'espace et le rythme fonction du Timbre*, publicada pelas Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve D'Ascq, França e do livro *(In)EXISTÊNCIAS do SOM*, publicado pela Universidade de Aveiro.

“Ao som de trombetas, charamelas, atabales, e repiques de sinos”. Percursos sonoros das festas feitas em Évora pela canonização de S. Inácio de Loiola e S. Francisco Xavier (Abril-Julho de 1622)

ALBERTO MEDINA DE SEIÇA

(CESEM NOVA-FCSH)

A 12 de Março de 1622, o papa Gregório XV canonizou solenemente Inácio de Loiola e Francisco Xavier, co-fundadores da Companhia de Jesus. As grandiosas festas realizadas em Roma encontrariam réplica em muitos outros lugares do mundo católico. A notícia da canonização chegaria a Évora a 18 de Abril desse ano, dando origem a um dilatado conjunto de festejos: celebrações religiosas nas várias igrejas da cidade, representações teatrais, jogos variados, procissões com carros alegóricos e largueza de figurantes por ruas engalanadas, certames literários, luminárias, encamisadas e escaramuças. Dando predominio ao *visível*, as narrações coevas demoram-se nos conteúdos que convocam o *olhar*: o colorido das vestes, as armações dos altares, a grandeza das figuras, o ornato dos carros e cavaleiros. Todavia, ainda que mais resistentes à descrição, o som e a música são onnipresentes nos relatos. Trombetas bastardas e charamelas, sinos e descargas de arcabuzes, ternos de flautas e meninos cantores, folias e fogos artificiais, ladainhas e *Te deum laudamus*, cantigas de doutrina, grita da multidão e coros graves – a festa faz-se ouvir. A comunicação propõe-se considerar esses fragmentos sonoros: em primeiro lugar, enquanto tópicos do discurso literário apologético que exalta as vozes escolhidas, a destreza dos tambores, a perfeição das mudanças nas charamelas; mas considerá-los, ainda, como elementos de “horizontes acústicos”, como sinais que pontuam os contornos e limites de paisagens sonoras.

Alberto Medina de Seica é investigador integrado no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM). Tem desenvolvido investigação sobre diversos fundos musicais, sobretudo no domínio da música antiga. É *Development Coordinator* da *Portuguese Early Music Database* e *Contributor* de *Cantus Index: Catalogue of Chant Texts and Melodies*. Doutorou-se em Ciências Musicais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (orientador: Prof. Manuel Pedro Ferreira), com uma dissertação sobre livros de cantochão da Sé de Coimbra. Dá regularmente formação nos domínios da Liturgia, Canto Gregoriano e Música Sacra.

Entre melodias e ritmos: sonoridades urbanas da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990

ANA ESTER DE MATOS SILVA

(GT Anpuh – Seção Piauí “História, Cidades e memória”)

A pesquisa tem por objetivo analisar as representações urbanas da cidade de Picos-PI, a partir das percepções sensoriais, expressadas por meio de uma memória auditiva, nas décadas de 1980 e 1990. Entendemos por memória auditiva, as informações sonoras que os cidadãos recordam ter existido na urbe picoense, nas décadas citadas anteriormente, repassadas para análise através da entrevista oral, abordando especificamente sobre as sonoridades urbanas picoense. A escolha do recorte temporal desta pesquisa justifica-se pela disponibilidade de fontes escritas nos acervos locais, como Museu Ozildo Albano e Academia de Letras da Região de Picos – ALERP. Também temos como objetivo caracterizar as práticas auditivas desenvolvidas nos múltiplos espaços desta urbe. A narrativa é construída tendo como base variadas fontes como jornais, Código de Postura Municipal, relatos orais, poesias e crônicas de escritores picoenses e, fotografias. A análise das fontes e as reflexões teóricas são pautadas nos estudos de Sandra Pesavento (1999; 2001; 2007), Raquel Rolnik (1995) e Michel de Certeau (2008). Na discussão sobre memória e História Oral contamos com o aporte teórico de Jacques Le Goff (1924), Michael Pollak (1989; 1992), Pierre Nora (1993), Sônia Freitas (2006), Ecléa Bosi (2003), e Alessandro Portelli (2016). Sobre espaço e sonoridades as discussões teóricas são pautadas no estudo de Murray Schafer (2011) e José Miguel Wisnik (2017). O trabalho aponta a cidade de Picos-PI, no recorte temporal proposto, como uma urbe marcada pela diversidade de rastros sonoros, percebidos através da audição de músicas em festas privadas, e em eventos públicos nas apresentações artísticas, vozerios e conversas, e na difusão do repente nos variados espaços. Indica as sonoridades emitidas no cotidiano urbano, por meio de práticas individuais e coletivas dos cidadãos picoenses, assim como no alarido de boêmios e notívagos em bares.

Graduanda do 9º período do curso de História pela Universidade Federal do Piauí-UFPI/CSHNB/Picos. Participou como voluntária do Projeto de Pesquisa ICV (2019–2020): Cidades sensíveis e imaginárias: representações do viver do viver urbano em cidades brasileiras, nas décadas de 1980 e 1990, sob coordenação e orientação do Professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos. Obteve o 1º lugar na área de Ciências Humanas, na modalidade apresentação oral do trabalho intitulado: “Cartografias auditivas: sonoridades urbanas da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990”, no XXIX Seminário de Iniciação Científica – XIX SIC, realizado durante os ‘Seminários Integrados da Universidade Federal do Piauí – SIUFPI 2020’. É integrante do GT Anpuh – Seção Piauí “História, Cidades e memória”.

Interactive Narratives and Games Platform in the City of Évora

JOÃO VILAR, CAMILA WOHLMUTH, ARMANDA RODRIGUES, NUNO CORREIA

(PASEV, NOVA LINCS, Computer Science Department, NOVA School of Science & Technology, Nova University of Lisbon, Portugal)

In this paper, we describe a mobile platform developed in the context of the PASEV Project (Patrimonialization of Évora's Soundscape) which supports the design of interactive narrative games based on Augmented Reality (AR) and geolocation technologies. The aim of these games is to attract visitors to the Portuguese City of Évora and to provide engaging ways of learning about the city's musicality, introduced by the identification of musical instruments and acquisition of related information. The games developed with this platform include an integral part of Augmented Reality (AR) and geolocation technologies (supported by GPS), with audio information playing a fundamental role, and enabling the visitor to discover the city through a different perspective. As part of the games' interactions, the user is guided through the city with the help of a map with embedded markers and itineraries, getting to know various places and interacting with the local works of art (e.g. interaction with three-dimensional AR models of musical instruments present in paintings/murals). Through elements of gamification, such as the introduction of interactive narratives, it is possible to attract a young audience, supporting learning activities in the context of the musical history of the city. The platform's architecture was specially conceived to enable and facilitate the future design of additional games. All the content provided by the platform is made available through an online web server and managed with a back-office component. The current pandemic situation enforced the need for an online desktop version of the platform, enabling its use and dissemination, even if the user is not located or visiting the city of Évora. Moreover, to ensure a pleasant experience, UI Design studies were applied to the design of the platform's interface, guaranteeing the application of usability requirements. This included the development of characters that guide and lead the user in their interactions with the game. Solutions for the data modeling infrastructure, including the preservation of interactive narratives were also considered.

João Vilar is a MSc student in Informatics Engineering currently developing his master thesis at the Department of Computer Science of the Faculty of Science and Technology of the Universidade NOVA de Lisboa. Mainly focused in the field of Multimodal Systems, the thesis comprises elements of Augmented Reality, Digital Heritage and Gamification in a mobile platform, aiming to ease the creation of interactive games with persuasive and pedagogical aspects. João's interests include Web, Back-end and mobile development.

Camila Wohlmuth is a Ph.D. in Digital Media at the Department of Computer Science of the Faculty of Science and Technology of the Universidade NOVA de Lisboa. She has a master's degree in Design with an emphasis on Human-Computer Interaction, a research line of Hypermedia, from the Federal University of Santa Catarina, Brazil. She has experience in Multimedia Learning and Cognition, UX/UI Design, and Interactive Narratives. Her research interests are focused on the effectiveness of technology to engage user experiences in learning, interactive interfaces, and presentation as well as multimedia information systems to convey knowledge. Current work includes the use of multimedia for enhancing scientific publication experience (information representation and communication concepts) based on cognitive studies, and User Interface Design to increase the interface usability, multimedia and immersive experience, and navigation of interactive maps.

Armada Rodrigues is an Associate Professor at the Computer Science Department, NOVA School of Science and Technology and an integrated member of the Multimodal Systems Group of NOVA LINCS. Armada is interested in providing models, methods, tools and infrastructures that may enable improvements in the use of Web/Mobile GIS (Geographic Information Systems), focusing on changes in context and in collaborative environments. She has been involved in several International and national research projects related with GIS, Simulation, Web-GIS and Geo-Collaborative Systems with case studies in Emergency Management, Digital Heritage and Agronomy. Armada Rodrigues supervised more than 30 postgraduate theses already completed and currently supervises several doctoral and master dissertations. She is the author and co-author of several GI Science and Computer Science peer reviewed publications. She also reviews and serves in the program committee of various GI national and international conferences as well as peer review journals.

Nuno Correia is a Professor at the Department of Computer Science of the Faculty of Science and Technology of the Universidade NOVA de Lisboa. He is the coordinator of the Multimodal Systems area of NOVA-LINCS, integrating a team of 11 researchers and about 20 doctoral students. His research interests cover several aspects of describing, processing, delivering and presenting multimedia information. He was a researcher at Interval Research, Palo Alto, CA, and a researcher at INESC, Portugal. He participated in several EU funded research projects and evaluated national and international projects. Current work includes augmented and virtual reality, interfaces for health systems, cultural heritage and dance annotation. Nuno Correia supervised 12 doctoral theses and more than 50 master theses already completed and currently supervises several doctoral and master dissertations. He is author or co-author of more than 100 publications in journals, conferences and books.

Representações e modos de escuta dos bombos: um estudo interpretativo das abordagens da etnografia da música e uma proposta de trabalho no século XXI

LUCAS WINK

(DeCA, Universidade de Aveiro)

Este paper insere-se numa investigação de doutoramento sobre os *bombos*, termo polissêmico referindo (i) um instrumento de percussão;(ii) um conjunto de instrumentos musicais;(iii) uma prática performativa predominantemente masculina presente em todo Portugal. Para além de trabalho no terreno, venho desenvolvendo um estudo crítico interpretativo dos processos de registo dos bombos, cingindo-me a uma linha atenta à perceção auditiva da etnografia da música. Conforme elucidarei, estes conjuntos foram deliberadamente dispensados das abordagens às músicas de matriz rural que etnógrafos e editores levaram a cabo desde finais do XIX. Quando interpelados, estiveram à mercê de uma normatividade objetivista que caracterizou o interesse pela apreensão e catalogação do sonoro. Detendo-me a duas linhas de indagação principais – (i) aos processos de transcrição musical e ao etnocentrismo que pautou a depreciação de sons não ajustados a uma idealizada noção de música; (ii) aos processos de instrumentalização tecnológica da escuta através da gravação sonora no contexto das mudanças que começaram a ocorrer a nível representacional e performativo da música folclórica em Portugal na década de 1940 – neste paper discuto as representações subalternizadas dos bombos e os modos de escuta regulatórios das ações que a etnografia empreendeu nesse sentido. O escrutínio destas *histories of listening* (Ochoa 2014) é deveras revelador das políticas de interpelação aos bombos: nestas abordagens, os valores que enformavam a prática, os saberes sensíveis guardados no corpo, os critérios éticos/estéticos dos ‘detentores da tradição’ não foram objetos de indagação, nem os encontros que porventura se estabeleceram no terreno deram luz a diálogos de saber ou a formas de conhecimentos relacionais. Pontuando o afastamento desta tendência no contexto “pós-folclórico” (Freitas Branco 2019) do século XXI, concluo elucidando três conjunturas em que venho vislumbrado um modo mais sustentável, criativo e dialógico de escuta e de construção de conhecimento sobre os bombos.

Lucas Wink estudou bateria na Escola Superior de Música da Faculdade Integral Cantareira e na Escola de Música do Estado de São Paulo. Obteve o título de mestre em música pela Universidade de Aveiro em 2017 (especialização em musicologia). Frequentou, na mesma instituição, o mestrado em ensino da música. Atualmente realiza o doutoramento em etnomusicologia na Universidade de Aveiro, onde desenvolve uma investigação sobre os bombos portugueses financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH / BD / 139998/2018). Tem publicado artigos em revistas académicas e apresentado estudos em eventos científicos em Portugal, Espanha, Brasil, Inglaterra, Bósnia e Herzegovina, Argentina e Estados Unidos. É investigador do projeto Práticas sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI (PTDC/ART-FOL/31782/2017). Integra a Orquestra Bamba Social e colabora em diversos projetos musicais.

O som seco. O som das fontes de Évora: água e sociabilidade entre 1800 e 1940

MARÍA ZOZAYA

(PASEV, CIDEHUS UÉvora)

Esta investigación estudia un sonido en su mayoría desaparecido en Évora, el de las fuentes y lavaderos que fueron usados entre el 1800 y 1940 en espacios tradicionales o construidos en la época industrial. Intentaremos reconstruir los registros sonoros de un espacio de sociabilidad principal en el tránsito del Antiguo Régimen al Liberalismo, las fuentes del agua. Trataremos los abrevaderos, los lavaderos, las fuentes, con sus aguadores y público popular que diariamente llenaba sus jarros. Nos acercaremos a las primeras casas que tuviesen agua corriente. También a otros grifos de donde salieron ingentes litros de agua para otros menesteres, como los de limpieza del matadero construido en la década de 1880. Nuestro objetivo será recoger las referencias vinculadas a los sonidos generados a raíz de estos manantiales urbanos, tanto los procedentes del recurso acuífero como los sonidos de los fenómenos de sociabilidad que generaban a su alrededor. Usaremos recursos topográficos; de cultura material, arquitectónica y artística; literarios, de prensa, y posibles archivos donde se realicen referencias a elementos vinculados a fuentes de agua en la época contemporánea. Intentaremos describir si esas fuentes donde circulaba el agua reflejaron el cambio del sonido de la modernidad. Es decir, aquel que a nivel europeo se registró con las reformas vinculadas al ornato urbano, a los criterios del higienismo y a los procesos de introducción de criterios de salubridad de la nueva ciudad. Para terminar el salto a la contemporaneidad, ante la dificultad de reconstruir los sonidos del agua ya seca en muchas de esas fuentes, propondremos una performance sonora en estos espacios, con la colaboración del técnico de sonido Fernando Mendes.

Maria Zozaya (Madrid, 1975) é *Doctor Europeu* em História pela Universidade Complutense de Madrid (2008), onde recebeu os Prêmios Extraordinário de Licenciatura e de Doutorado. No CSIC escreveu a Tese de doutoramento com as bolsas FPI, I3P e outras (1998–2008), teve um contrato Juan de la Cierva na Universidade de Valladolid (2008–2011) e desde 2013 trabalha para a FCT no CIDEHUS – Universidade de Évora, inicialmente bolsa posdoutoral e atual contrato como investigadora. Pela sua pesquisa recebeu os prémios de Investigação: *Real Maestranza de Caballería de Ronda*, *Asociación de Historia Social de España*, e *Premio Villa de Madrid*. É investigadora especializada em elites, lazer e espaços de sociabilidade na etapa de mudança do Antigo Regime ao Liberalismo (1800–1936), temas sob os quais tem escrito múltiplos artigos, quatro livros, e dado numerosas conferências. Mais informação no seu site especializado: <https://sociabilidad.hypotheses.org/> ORCID: 0000-0003-0737-1843

«A Forma do tempo» e o repertório sonoro dos Bonecos de Santo Aleixo

CHRISTINE ZURBACH

(PASEV, CHAIA UÉvora)

A comunicação inscreve-se na reflexão apresentada anteriormente nos eventos científicos promovidos pelo projecto PASEV (2018 e 2019). Centrada na descrição das componentes do espólio regional alentejano do teatro dos Bonecos de Santo Aleixo, visava identificar a diversidade das sonoridades que compõem a sua dimensão performativa, entre ruídos, vozes, cantos e música instrumental, associados ao movimento. Numa nova etapa do estudo em curso, pretende-se analisar o *corpus* sonoro do espólio enquanto exemplo singular do processo de construção de um objecto cultural constituído por elementos compósitos, erudito e popular, antigo e contemporâneo, que resulta de um processo vivo de diálogo e de integração de manifestações diversas de uma história patrimonial e de uma memória identitária. Nesse sentido, o nosso estudo procurará produzir uma *biografia* desse objecto pela identificação de diversas camadas temporais de um património sonoro multifacetado no qual se cruzam traços conservadores que sinalizam a permanência imutável de sons estruturantes de uma cultura transmitida – como no caso dos autos religiosos de raiz medieval, ou nos cantares e danças populares –, traços inovadores na absorção de marcas próprias de mudanças coevas como o fado no início do século XX, e traços atemporais nos sons e ruídos do quotidiano.

Christine Zurbach, professora Catedrática, é docente do Departamento de Artes Cénicas da Escola de Artes da Universidade de Évora. Lecciona nas áreas de Dramaturgia, Tradução de Teatro, História do Teatro e Teatro de Marionetas. Doutorou-se na Universidade de Évora em Literatura Comparada / Estudos de Tradução em 1997 com a tese *Tradução e Prática do Teatro em Portugal de 1975 a 1988* (Colibri, 2002). É membro integrado do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA). Investiga nas áreas de Estudos Teatrais e de Estudos de Tradução. Tem publicações nacionais e internacionais em livros, capítulos de livros e artigos nas áreas da sua investigação.

